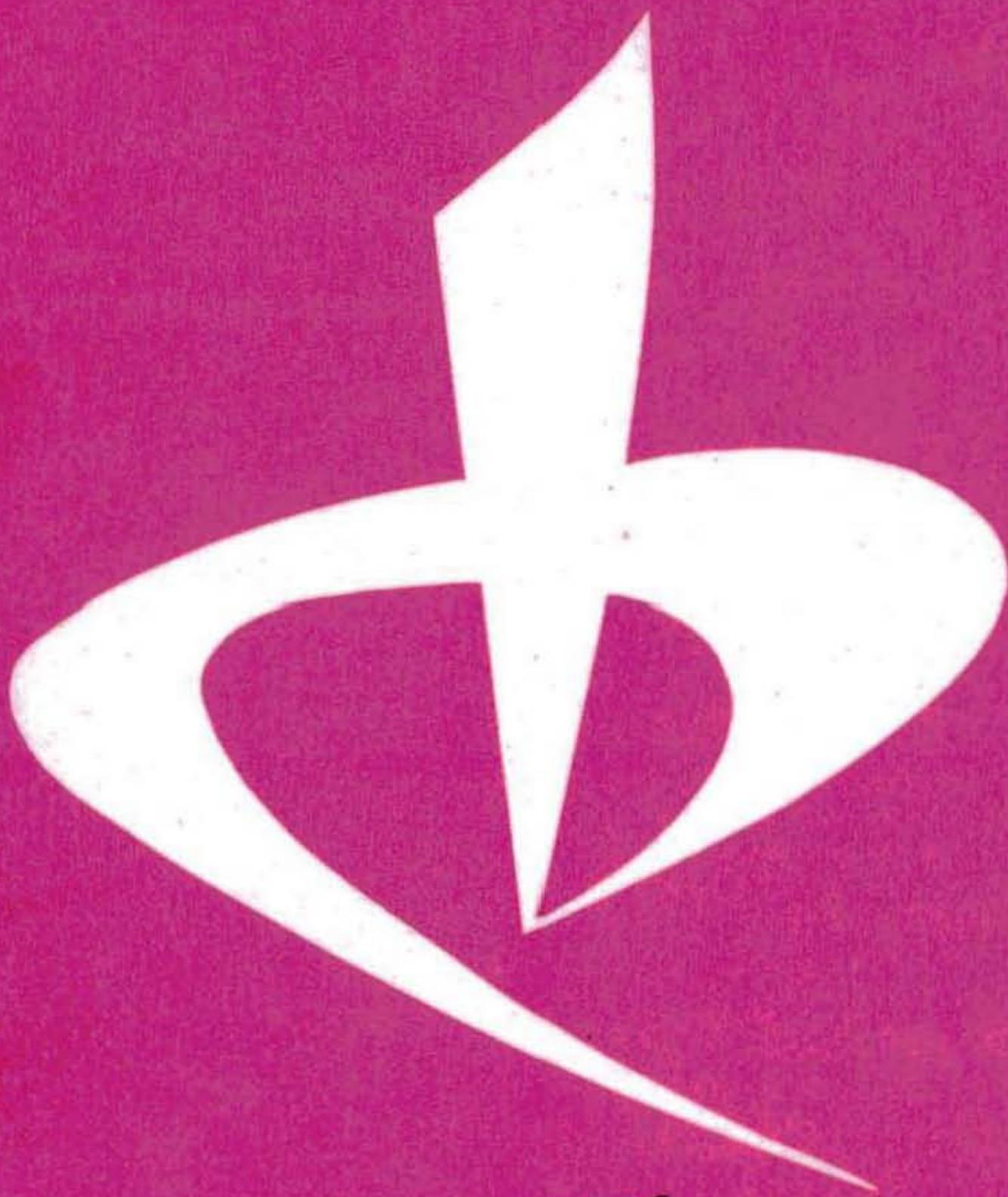


convergência

DEZEMBRO 1972 — ANO V — N.º 52



página 9: FÉ
E

LINGUAGEM, *J. B. Libânio*

Cleto Caliman,

página 20: A PRUDÊNCIA

CONVERGÊNCIA

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC 05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1972:

Brasil: via terrestre Cr\$ 30,00
 via aérea Cr\$ 35,00
Exterior: via marítima .. US\$ 10,00
 via aérea US\$ 15,00
Avulso Cr\$ 3,00

Os artigos assinados são da respon-
sabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética
Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 —
Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — Petrópolis, RJ.

SUMÁRIO

EDITORIAL	1
INFORME DA CRB	3
<hr/>	
FÉ E LINGUAGEM J. B. Libânio	9
<hr/>	
A PRUDÊNCIA NA RENOVAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA , Cleto Ca- liman	20
PEQUENAS COMUNIDADES, PES- QUISA DA CRB-NORDESTE II , Margarida Serpa Coelho	31
ENTREVISTA DA CARDEAL DANIE- LOU	43
RESPOSTA DOS SUPERIORES GERAIS	45
ENCONTROS DE FORMADORES DE SEMINÁRIOS	48
CRB-REGIONAL DE CURITIBA	52
ESTANTE DE LIVROS	57

Cada povo ou comunidade, através dos valores de sua cultura e dentro de sua época manifesta sua fé no Senhor. O grupo, e mesmo a pessoa, cria uma linguagem capaz de expressar seu relacionamento com o Criador. Nunca será uma linguagem científica, no sentido técnico, capaz de esgotar o sentido pleno da verdade que enuncia, visto que o assunto é Deus, objeto da fé.

O homem procura verbalizar a experiência de Deus através da palavra, gestos, ritos, celebrações, festas, esculturas, pintura e de outros recursos de expressão. O importante é que todos fazemos numa experiência original de Deus, que não obstante se revestir de intensa subjetividade, torna-se para a pessoa que a vive profundamente objetiva.

O que nem sempre ocorre é a verbalização desta experiência em formas compreensíveis e captáveis aos outros, seja por deficiência pessoal, seja por insensibilidade grupal.

Não podemos também pretender, em momento, algum, visibilizar de um modo total e pleno o encontro pessoal com Deus.



EDITORIAL

Não podemos cair na ilusão de abranger Deus nos termos de uma definição, ou que ele se repita em sua manifestação aos homens.

Deus é sumamente criativo e original em cada pessoa. Deus pode se manifestar de modo absolutamente privilegiado, como ocorreu em Cristo e à primeira comunidade através dos Escritos do Novo Testamento.

A linguagem que aí temos, apesar de humana expressa de modo totalmente único, a presença do Senhor entre os homens. As outras linguagens posteriores e anteriores têm ali seu ponto de referência. Por isso a importância absolutamente incomparável que o Evangelho contém para nós, foi a capacidade máxima da linguagem para expressar a profundidade divina. O mistério do NATAL, que ora celebramos, nos mergulha na eternidade.

Neste último número de CONVERGÊNCIA de 1972, encontramos um trabalho do **Pe. Libânio**, FÉ E LINGUAGEM, em continuidade ao tema desenvolvido em novembro.

Até onde e como a nossa linguagem pode abranger a esfera divina? Um artigo que, apesar de sua feitura um pouco técnica, lançará luzes intensas sobre nossa vida.

O artigo do **Pe. Cleto Caliman**, PRUDÊNCIA NA RENOVAÇÃO DA VR, busca abrir pistas face às barreiras que aparecem neste campo.

Uma manifestação típica da atual vida religiosa no Brasil são as centenas de pequenas comunidades que surgiram e continuam a surgir. A CRB já realizou pesquisa sobre este assunto. Publicamos agora outra pesquisa realizada pela **Ir. Margarida Serpa Coelho**, em colaboração com a CRB-Recife. Cremos que se trate de um bom trabalho para reflexão.

Chamamos ainda a atenção para a entrevista do Cardeal Daniélou e a resposta dos Superiores Gerais.

Despedindo-nos de 1972, desejamos a todos as melhores bênçãos.

Frei Constâncio Nogara

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Reunião da Sagrada Congregação dos Religiosos com os Presidentes e Representantes das Conferências Nacionais de Religiosos e com os Delegados das Uniões Internacionais de Superiores e Superiores Gerais. Roma, 15 a 19 de outubro de 1972.

Presentes pela CRB: P. Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente Nacional, Irs. Helena Maria Ferreira e Maria Helena de Toledo, da Diretoria Nacional.

1. Preparação.

A reunião anunciava-se como de grande importância. Pela primeira vez, por iniciativa da **Sagrada Congregação para os Religiosos**, as **Conferências Nacionais** eram convocadas em ordem à preparação das **Assembléias Plenárias** anual da mesma Sagrada Congregação. A temática foi enviada a todas as Conferências e solicitada a tomada de posição de cada uma, com remessa das respostas antes do dia 15 de julho. Posteriormente, a própria Sagrada Congregação estendeu o convite também às Uniões Internacionais tanto dos Superiores (USG) como das Superiores Gerais (UISG).

2. Realização.

Na Cúria Generalícia dos Irmãos das Escolas Cristãs (La Salle), em Roma,

tiveram lugar todos os atos do Encontro. Constatou-se imediatamente seu grande alcance, quer pelo nível dos participantes, quer pelo teor dos temas apresentados. Presentes, através de seus Presidentes e Delegados, 130 Conferências Nacionais de Religiosos; o chamado Grupo dos 16, oito Superiores e oito Superiores Gerais, que constituem o comitê permanente de contato oficial entre as Uniões Internacionais (USG e UISG) e a Sagrada Congregação; finalmente, a Sagrada Congregação praticamente em peso, com o Cardeal Antoniutti, o Arcebispo Mayer, nomeado há pouco Secretário daquele Dicastério e 14 Responsáveis pelos diversos Setores da vida da Sagrada Congregação.

3. Temas.

A Sagrada Congregação nomeou cinco relatores, que desenvolveram, em termos de exposição para discussão em grupos, cinco temas, que abrangiam de fato a temática anteriormente enviada para preparação às Conferên-

cias. Na verdade, todo o ENCONTRO havia sido colocado quanto ao enfoque dos problemas sob o ângulo de UNIDADE E PLURALISMO. Este ponto de vista unificador foi, de fato, esquecido ou relegado a segundo plano, seja na elaboração dos temas, seja na discussão dos mesmos, embora fosse uma constante a insistência na necessidade do pluralismo que busca e afirma a unidade em sua realidade mais profunda. Foram os seguintes os cinco temas:

1. P. Paolo Molinari — Modificações, experiências e orientações atuais na vida de oração.

2. P. Gaien Bolduc — Modificações, experiências em curso e tendências atuais na vida de comunidade.

3. Madre Rosario Araño: Reações dentro dos Institutos Religiosos: fermentos e divisões na vida interna dos Institutos por motivos das modificações.

4. Irmã Taddea Kelly — Elementos positivos para a promoção da unidade no pluralismo.

5. P. Giuseppe Nardin — As Conferências Nacionais de Religiosos: — Seu relacionamento com as Uniões Internacionais de Superiores e Superiores Gerais, com a Sagrada Congregação, das três instâncias entre si, competências e atribuições. Questões diversas sobre a natureza e o funcionamento das Conferências Nacionais de Religiosos.

Uma vez apresentada a relação, 12 grupos lingüísticos, com plena liberdade para sua formação, se distribuíam para a discussão da matéria, recolhendo pareceres, avaliações, contribuições

de experiências com matriz local de cada país ou Conferência. O resultado dos trabalhos de grupo, elaborado sistematicamente por um Relator, era apresentado ao Plenário. Seguiam-se complementações ou aprofundamento da discussão em plenário, com participação de todos os integrantes do Encontro, cerca de 280 pessoas. Línguas oficiais: Inglês, francês e espanhol, com tradução simultânea.

4. Clima.

Muito além da matéria tratada, o grande bem, como em geral em congressos desta natureza, foi a intensa possibilidade de contatos e intercâmbios pessoais, confrontos de experiências. Graças sobretudo à franqueza e lealdade, serenidade e acessibilidade do Arcebispo Mayer, que presidiu a todo o Encontro, criou-se uma atmosfera positiva, construtiva, de apresentação clara de posições mesmo quando contrastantes. Isto foi importantíssimo para o futuro das relações entre os três níveis de participantes: Sagrada Congregação, Uniões Internacionais de Superiores e Superiores Gerais e Conferências Nacionais de Religiosos. O clima desses dias, foi de verdadeira fraternidade, numa comunhão de coração e pensamento baseada sobre o Evangelho, num realismo sadio e muita alegria. Isto através da variedade de raças, línguas, mentalidades e culturas. Éramos irmãos e irmãs comungando neste ideal de vida religiosa em sua renovação atual, desejosos de conservar toda sua riqueza vital, mesmo se passamos por crises e obscuridades. A fé na vida religiosa e em seu futuro aparecia com evidência, e isso foi para nós uma das alegrias desse Encontro.

O depoimento do representante da Holanda a esse respeito foi comovente: testemunho da experiência de pobreza espiritual que a igreja e nela os religiosos holandeses fazem, caminhando como o Povo de Deus no Deserto em busca da Terra Prometida, no sofrimento, na incompreensão mas na esperança muito firme de que um dia poderão dar a Igreja a prova de que não perderam a Fé.

Houve outra nota também e muito importante: a descoberta da fase humana da Igreja hierárquica. A Sagrada Congregação para os Religiosos era para tantos de nós, um dicastério romano, muito longínquo, nem sempre muito humano e com pouca relação com nossa vida quotidiana. Não raro certas decisões emanadas desta Congregação pareciam revelar uma falta de informação e de conhecimento do que se vive de fato como vida religiosa nos diversos países. Este encontro, em clima de verdadeira acolhida e abertura, de cordialidade e lealdade de parte a parte, transformou as relações e permitiu um conhecimento mútuo. As delegações das Conferências puderam apresentar e esclarecer à Sagrada Congregação muitos aspectos da problemática concreta que vivem hoje os religiosos, de sua busca sincera de valores, e do muito de positivo que se realiza por toda parte, tornando assim patente a vitalidade da vida religiosa no mundo todo.

Todo esse trabalho foi acompanhado de oração comunitária encontrando sua expressão máxima na concelebração eucarística diária reunindo grande número de sacerdotes e permitindo sentir nas preces as diversas culturas.

O Cardeal Antoniutti seguiu atenta-

mente os trabalhos e várias vezes se pronunciou sobre a esperança da Igreja nos Religiosos. A comunicação espontânea e viva entre todos os participantes deve ter sido também para a Sagrada Congregação um espetáculo revelador da ação do Espírito Santo: a união entre nós, apesar da diversidade pelo simples fato de nos sabermos engajados no seguimento de Cristo a serviço de nossos irmãos, foi um dado eclesial eloqüente.

No último dia da Assembléia houve audiência para os Congressistas, na sala do Consistório; Paulo VI expressou sua simpatia e afeição por todos os religiosos e seu desejo de sabê-los fiéis à sua vocação específica. Grandes postulados de todos: o de que documentos da Sagrada Congregação não sejam publicados, sem prévia consulta às duas outras instâncias; o de que as relações se estabeleçam entre todos em clima de transparência, evitando toda forma de declarações unilaterais, sem que sejam ouvidas as partes em questão; intensificação de recíprocas informações, de modo a dar tanto à Sagrada Congregação como aos Superiores e Superiores Gerais através do material das Conferências Nacionais, uma clara idéia do pluralismo de concretização local na unidade da vida religiosa. Claramente rejeitado qualquer aspecto vinculante sobre as Congregações e Ordens tomadas singularmente das decisões, seja das Uniões Internacionais, seja nas Conferências Nacionais.

5. Tema difícil.

Entre as relações apresentadas a pedido da Sagrada Congregação, embora com declarada responsabilidade

apenas pessoal do Relator em questão, o tema de Madre Araño suscitou particular estudo dos grupos. Em síntese, o que era proposto, como ponto particular de atenção e discussão era o seguinte: no caso de que casas religiosas isoladamente venham a discordar das decisões e da linha assumida pelos capítulos gerais das respectivas Ordens ou Congregações, elas se poderiam constituir em unidades ou províncias diretamente subordinadas ao governo geral ou, em casos especiais, até mesmo à própria Sagrada Congregação dos Religiosos.

A proposta foi rejeitada unânime pelos 12 grupos integrados pela totalidade dos participantes. Seria consagrar juridicamente a divisão, como solução oficial, cômoda e fácil, para o fracasso da união. Seria desautorizar positivamente os capítulos e os governos gerais. Seria transferir para a Sagrada Congregação a competência dos governos gerais. Seria aprofundar a divisão e sacramentar a morte da caridade, num momento em que a própria Igreja tenta ecumenicamente superar barreiras históricas, seculares e teológicas, e o próprio mundo, através de tentativas em plano internacional ou universal, busca equacionar a convivência prática de arraiais ideológicos muito diversos. Seria sobretudo insuspeitável o alcance de uma tal posição, se atendida a sua projeção futura na vida da própria Igreja Universal e Local. Na impossibilidade real de se chegar à unidade e esgotados responsabilmente todos os caminhos para atingi-la, recomendou-se antes, a constituição de uma nova unidade (nova Congregação Religiosa), mas nunca a solução proposta de oficializar a divisão.

O Relatório dos 12 grupos foi impressionante pela coincidência de pareceres. Apresentada pelo P. Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente da CRB, Relator de turno para este dia, a resenha dos trabalhos de grupos deu ensejo ao ponto alto do Encontro, numa discussão em plenário, profunda e honesta, mas principalmente rica do testemunho de união e caridade, numa grande fidelidade à verdade e à inspiração básica de toda vida religiosa.

Alguns depoimentos deste plenário foram de extraordinária grandeza, principalmente o do Presidente da Conferência de Superiores Maiores dos Estados Unidos, o da Madre Geral da Congregação do Sacré-Coeur de Marie, o do Presidente da CLAR e o do Superior Geral dos Padres do Espírito Santo, que mereceram aplausos demorados da assembléa. Foi o momento em que claramente sentimos, e o Arcebispo Mayer o exprimiu em sua intervenção no final desta sessão, que o peso da verdade no consenso da caridade, testemunhada pelas mais diversas latitudes, construía um diálogo proveitoso, apesar da diversidade inicial dos pontos de partida. Convém lembrar aqui que, alguns dias mais tarde, o Cardeal Jean Daniélou retomou numa entrevista à Rádio Vaticano as posições apresentadas na relação de Madre Araño e plenamente rejeitadas por este plenário tão representativo.

P. Arrupe, Superior Geral dos Jesuítas e Presidente da União de Superiores Gerais, após reunião extraordinária da USG, fez publicar uma nota em aberto contraste com a posição assumida pelo Cardeal Daniélou. Sem muito contexto, a imprensa Internacional di-

vulgou o assunto, inesperado e incompreensível para a quase totalidade do público e até mesmo para grande maioria dos religiosos não a par de tendências divisionistas raras, porém, concretas, no seio de determinadas Congregações Religiosas.

6. Reuniões preparatórias.

A CLAR (Confederação Latinoamericana de Religiosos), única Confederação continental de Conferências atualmente existente, convocou para o dia 13 de outubro uma reunião das delegações das Conferências da América Latina, para discutir pontos de interesse comum e confrontar as posições das Conferências Nacionais deste Continente em relação ao material a ser apresentado no decorrer do Encontro. O dia foi utilíssimo e teve depois eco nas avaliações que, cada dia durante a realização do Encontro, as Conferências Latinoamericanas faziam dos trabalhos do mesmo. No dia 14, foi a vez da reunião das Delegações das Conferências Nacionais com as Uniões Internacionais de Superiores Gerais. Também aqui muita abertura e claro desejo de relacionamento mais aprofundado.

7. Destaque da CRB.

Objetivamente, foi muito positiva a atuação da delegação de nossa Conferência, seja em dimensões de CLAR, seja nas do Encontro, seja nos inúmeros contatos de Conferência a Conferência. A CRB constitui, no dizer de muitas outras Conferências e no da Sagrada Congregação, como da CLAR, uma das mais dinâmicas Conferências e que maior folha de serviços apre-

senta à vida religiosa no respectivo país. Nossos materiais publicados foram objeto de admiração e sua republicação foi solicitada explicitamente pelas Conferências de Portugal, da Iugoslávia e várias da África. Bem recebidas nossas intervenções em plenário e em grupos. Ir. Helena Ferreira foi uma das coordenadoras de plenário e P. Marcello, um dos Relatores Gerais dos trabalhos de Grupos. Tivemos diversos contatos pessoais com vários Superiores e Superiores Gerais com Províncias e Casas no Brasil. Os três membros da CRB tiveram contato de 75 minutos com o Cardeal Antoniutti, de 45 minutos com o Arcebispo Mayer, Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos, além de várias entrevistas sobretudo com Dom Nardin, P. Salazar e P. Gambari, cuja atividade na Sagrada Congregação cobre principalmente o relacionamento desta com as Conferências Nacionais. Estes contatos foram marcados por uma notável objetividade, cordialidade e grande simpatia pelo trabalho que desenvolve a CRB, que o Arcebispo Mayer formulou brevemente dizendo: "Vocês trabalham muito seriamente".

Durante os plenários do Encontro, as delegações das Conferências Africanas fizeram sentir vivamente o dramático problema da vida religiosa naquele continente, exprimindo com força contida toda a esperança que levam no coração para o desenvolvimento da Fé em sua típica expressão africana. O esboço de um projeto concreto de ajuda para a formação dos religiosos africanos, apresentado pelo P. Molinari, reteve ainda no último dia a atenção do plenário. A delegação da CRB resolveu apresentar ao estudo da Diretoria Nacional a eventual possibili-

dade de uma colaboração mais estreita entre a CRB e as Conferências africanas, dadas as bases de afinidade ética, sociológica e o conhecimento pessoal que da África vão tendo os numerosos Assistentes Gerais brasileiros hoje em Roma, para não falar de alguns Superiores Gerais também brasileiros. Esta interação com a África, sobretudo na forma de intercâmbio de material de reflexão, pesquisa e experiências, daria à CRB uma dimensão missionária externa que nos pode enriquecer muito.

Igualmente promissor o filão de contatos mais assíduos entre a CRB e os

Superiores, Assistentes e Procuradores Gerais brasileiros ou que viveram longamente no Brasil, atualmente sediados em Roma e que constituem um grupo numeroso. Entre estes, alguns pertenceram mesmo à Diretoria Nacional da CRB, como P. Hélio Grande Pousa, P. Décio Baptista Teixeira, Madre Maria Helena de Toledo, que, pela figura jurídica de seu cargo de Assistente Geral, pode continuar como membro da atual Diretoria Nacional.

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo

Ir. Helena Maria Ferreira

Ir. Maria Helena de Toledo

FÉ E LINGUAGEM

— 2 —

A fé pertence ao tipo de realidade, simples na sua factualidade, mas complexa na sua inteligibilidade. Crer parece ser realmente simples. O evangelho fala de um tornar-se criança, de um acolher o Reino de Deus na atitude simples de criança [Mc 10,15]. A experiência do cristianismo está repleta de tais fatos, em que fé profundíssima se encontra em pessoas de encantadora simplicidade. Por outro lado, escreve-se tanto sobre a fé. Reflete-se tanto sobre ela. Sente-se cada dia mais a complexidade de sua problemática. O homem não pode renunciar pensar, sem deixar cair dimensão fundamental de sua existência. Pensar a fé, é a tarefa da teologia (1).

Busca-se hoje, devido à formação científica mais acurada, rigor sempre maior na expressão do pensamento. Sente-se mal-estar diante de pensamento pastoso, expresso em linguagem ambígua, demagógica, vazia de conteúdo ou carregada de sentidos mágicos, indefinidos. O campo da fé parecia estar ao abrigo do rigor da linguagem, por ser expressão de uma realidade transcendente, de uma experiência da graça. Isto levou a linguagem teológica a certo descrédito, maxime quando comparada com a acribia de outras linguagens. Cabe certamente refletir sobre a linguagem da fé, seja para, de um lado, não se poupar esforço na purificação da linguagem teológica, seja por outro, para não querer aplicar-lhe sem mais as regras de outros jogos de linguagem.

Há uns 25 anos atrás, o filósofo especialista em análise de linguagem diria sem muito reparo que a linguagem religiosa é um "nonsense", vazia de sentido (2). Na sua perspectiva positivista, a linguagem religiosa não passava de justificativa de emoções. Dizer que Deus é amor, seria maneira complicada de dar voz a um sentimento de segurança, de felicidade (3). A linguagem da física, modelo ideal e paradigmático de toda linguagem significativa, impedia a valorização de outros jogos de linguagem. Mas como a linguagem da própria física se torna hoje cada dia mais misteriosa, essa concepção fisicalista perde terreno, se esvazia. Os modelos representativos, como exprimindo a estrutura mesma da realidade, cedem lugar a modelos análogos, modelos de clarificação, que não reproduzem a realidade, mas a reve-

lam de modo indireto. A linguagem da fé não tem que se modelar pela linguagem da física, mas encontrar suas regras próprias, sua natureza verdadeira, seu próprio jogo (4).

Lógica do conteúdo e lógica das relações

A linguagem não é somente o que se diz, mas também o que acontece quando se fala. Assim o professor de teologia no correr de uma aula expõe sua reflexão sobre dado da fé. A linguagem parece desinteressante, alienada, aborrecida, fora do mundo de experiência do ouvinte. O mesmo professor acontece falar para outro grupo de jovens, em outro ambiente, sobre o mesmo dado da fé. A lógica do conteúdo continua a mesma. Os ouvintes atendem e entendem, sentem-se falados pela linguagem. O que se diz foi o mesmo. Mas criou-se nova lógica de relações. Constata-se que uma expressão de fé pode não ser aceita nos seus dados literais, lingüísticos, não por causa de tal linguagem, mas no nível da conduta, do processo interrelacional criado onde acontece ser comunicada tal expressão.

A lógica do conteúdo diz respeito à ordenação das idéias por encadeamento racional dos diferentes aspectos de um tema sem que essa ordenação provenha de elementos estranhos ao tema. A lógica das relações considera o encadeamento das atitudes das pessoas como acontece no relacionamento entre o transmissor do ensinamento e os ouvintes e entre os próprios ouvintes (5). Importante na linguagem da fé ana-

lisar o que acontece quando essa linguagem é usada numa liturgia, numa conferência, numa sala de aula. Cria-se uma lógica de relações, que vai interferir na própria intelecção do formulado. Há uma mútua interação desse duplo polo da linguagem.

Há um ideal de objetividade, num esforço de fazer decantar as idéias de contexto afetivo, para apreendê-las na sua objetividade universalizável. Ideal nunca alcançado, nem totalmente possível, a respeito da linguagem religiosa. A catequética e a teologia pastoral tem estudado muito este aspecto da lógica das relações na comunicação da fé, a fim de poder conhecer o subsolo que alimenta as disposições radicais de acolhimento ou de rejeição da palavra da fé (6). Toda linguagem dita ou escrita exerce certa agressividade sobre o ouvinte ou leitor. Muitos mecanismos de defesa, de rejeição ou de acolhimento, simpatia, docilidade vão ser colocados em ação, dependendo de fatores psicológicos em jogo. Não desconhecendo a importância da lógica das relações na linguagem da fé, procuraremos abordar aqui antes o aspecto formal da linguagem da fé.

Limite natural da palavra humana

A experiência da fé está muito próxima da experiência do amor. Sua linguagem encontra os mesmos problemas. Quanto mais se ama uma pessoa, quanto mais ela está próxima, pertencendo à intimidade original e única da presença do amor, tanto mais difícil se consegue

expressar em palavras, em linguagem tal experiência. Se tal experiência chegasse a um grau único, absolutamente único e singular, então já não haveria mais palavra para expressá-la. Perder-se-ia na inefabilidade, no silêncio, na mudez total. Haverá sempre na mais íntima e próxima experiência, um elemento de comunhão com outras experiências, de modo que se pode transmiti-la em linguagem.

Em outras palavras, a linguagem supõe uma dialética, uma polaridade: uma experiência comum e uma experiência pessoal, irreduzível. Porque há um elemento de experiência comum, há palavras comuns, de modo que todo ser humano pode entender. Uma experiência absolutamente singular, individual seria incomunicável, inefável, inexpressível. A palavra vem já carregada da experiência dos homens. Mas tais palavras ao serem assumidas pelo homem no momento de expressar



**PARA
REFLEXÃO**

sua experiência, adquirem uma especificidade, uma individualidade, uma in-comunidade, uma originalidade próprias (7).

A linguagem da fé participa portanto dessa polaridade. Exprime uma experiência comum, comunicável, inteligível. Aqueles que por primeiro experimentaram o Verbo da Vida [1 Jo 1,1], e o tocaram com suas mãos, transmitiram aos pósteros essa experiência. Encontraram uma linguagem, que, na sua base comum, conseguiu comunicar a experiência de Jesus Cristo. Mas doutro lado, eles se encontraram diante da misteriosa alteridade da pessoa amada, experimentaram-na de modo inefável, só deles, intransmissível. Sentiram que as palavras eram pobres demais para comunicarem a riqueza da experiência. Se se quisesse escrever tudo, de modo detalhado, de modo exaustivo, o mundo não seria espaço suficiente para conter as páginas de tal experiência [Jo 21,25] e no fim teriam de dizer tais escritores que os olhos nunca viram, os ouvidos nunca ouviram, nunca subiu ao coração dos homens [1 C 2,9] a originalidade de tal experiência.

A mensagem da fé participa pois, na sua linguagem, dessa polaridade, dessa limitação das palavras humanas. Nunca se conseguirá uma linguagem que transmita em plenitude e com total propriedade a realidade de uma experiência como a do amor, do encontro, da alteridade do outro, portanto da fé.

Mais. A linguagem refere-se antes a como se experimenta o outro do que ao outro na sua "alteridade". Encontra-se o homem expri-

mando com suas palavras a alteridade do outro. Soma-se a dificuldade quando esse outro é "o Outro" por antonomásia. A linguagem da fé se refere a Deus, a esse "Outro", como alguém que se revela, que interpela, que salva. Naturalmente as palavras que se referem a Deus não podem ter o sentido de sua literalidade, mas somente indiretamente. Falando em termos de L. Wittgenstein, ao fazer uso de palavras humanas, em teologia, engaja-se num "jogo de linguagem" especial. Tal uso tem sentido porque e enquanto se usa e se sabe que se usa em um modo especial (8).

Linguagem da fé como expressão da última verdade a respeito do homem

Teologia é antropologia (9). Tal perspectiva de compreensão da linguagem da fé não somente é fecunda, mas é a única maneira de evitar o ateísmo. Se nossa linguagem sobre Deus revelasse diretamente a realidade do mesmo Deus, teríamos um Deus feito a nossa imagem. Em última análise falamos de nós mesmos em termos de Deus e da atividade de Deus a nosso respeito (10). Quando falamos da última verdade a respeito do homem, quando damos o último sentido de nós mesmos, estamos realmente falando de nós, mas também de Deus. Ele é que funda o sentido último do homem. O homem é uma transcendência absoluta orientada para Deus (11).

Falar teologicamente é falar de modo radical do homem, é encontrar-lhe o último sentido, a última verdade. Quando usamos tal linguagem, significamos diretamente a úl-

tima verdade a respeito do homem, e significamos de modo indireto a Deus. A Deus não podemos significar diretamente porque nossas palavras não poderão cobrir diretamente o sentido e a realidade de Deus em si mesmo. Como a respeito da pessoa humana que está muito próxima de nós, muito íntima a nós, de modo que sua realidade se identifica, se mistura com a nossa própria experiência, não conseguimos uma linguagem que fale dela, assim, escapa totalmente à linguagem humana, a realidade de Deus, "interior intimo meo, superior summo meo" (12). Deus está por demais íntimo a nós, no seu ser e no seu agir transcendente, para que tenhamos distância suficiente a fim de significá-lo diretamente com nossas palavras.

P. Tillich exprime essa reflexão, que Agostinho tão magistralmente sintetizara nas suas Confissões (13), chamando a Deus de profundidade: "o nome desta infinita e inexaurível profundidade e fundamento de todo o ser é Deus. Essa profundidade é o que significa a palavra Deus... Quem conhece a profundidade, conhece a Deus" (14). Seria falso entender a linguagem da fé como simples fala sobre o homem, transformando Deus numa função do homem. Pelo contrário: ela mostra que Deus é o fundamento inalienável e a fonte de todo ser, de todo o humano, de modo que não há ser humano sem Deus, ele não pode ser entendido em profundidade sem referência a Deus, sem significar Deus.

Deus é o que é ultimamente o mais importante para nós. Por isso, sem falar dele, sem falar a lingua-

gem da fé, nunca falaríamos do que é mais importante para o homem.

A linguagem da fé é portanto a linguagem sobre a radicalidade, sobre o "último", sobre o "fundamento de nosso ser" (15).

Situação religiosa

A linguagem religiosa só pode ser compreendida em função da situação a que se refere, isto é, ao tipo de situação que leva o homem a falar de Deus (16). I. T. Ramsey vê a situação religiosa comportando dois elementos: discernimento e engajamento. Mais exatamente a situação religiosa é uma situação de estranho discernimento (**odd discernment**) e de engajamento total (**total commitment**) (17). A nossa experiência simples mostra como um relacionamento espaço-temporal impessoal pode subitamente se transformar num cálido e personalíssimo relacionamento eu-tu, quando se discerne então além do impessoal algo estranho, inusitado, como uma revelação (**disclosure**).

Assim acontece, p. ex., estar-se a conversar formalmente com uma pessoa estranha e de repente percebe-se que ela é um amigo com quem uma vez se privou. Surge então uma situação nova, pessoal, transformando o relacionamento inicial, formal e frio. A este discernimento estranho segue um compromisso, uma atitude de engajamento. O sentido de amizade, de camaradagem em relação a um velho colega leva a um engajamento total, pessoal. As aparências externas, espaço-temporais, não poderiam deixar supor tal processo.

A situação religiosa surge como uma situação particular de discernimento e engajamento. Percebe-se uma revelação que os argumentos e raciocínios só podem evocar, já que ela vai além do que se vê. A tal discernimento responde um engajamento (18). A situação religiosa implica um discernimento, uma percepção estranha, que leva ao engajamento total e universal. Está em jogo a pessoa na sua radicalidade, no seu último fundamento, daí que o compromisso se coloca na linha da totalidade, da universalidade. “Aquele que não toma sua cruz e não vem após mim, não é digno de mim” [Mt 10,38]. “Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” [Mt 16, 24]. Lucas acrescenta: “tome sua cruz cada dia” [Lc 9,23].

As expressões do evangelho refletem a radicalidade e universalidade do engajamento exigido na situação de fé. O cristão ao discernir em Cristo, o sentido escatológico da história humana, a máxima manifestação de Deus, a absoluta presença do Amor e da Graça, se vê diante do compromisso de “perder por ele sua alma” [Mc 8,34], de renunciar a ter onde por a cabeça [Lc 9,58], a sepultar o próprio pai [Lc 9, 60], a despedir da sua família [Lc 9, 61], pois aquele que pôs a mão no arado e olha para trás, não está apto para o Reino

de Deus [Lc 9,62]. Compromisso que leva o cristão a confessar Cristo diante dos homens, sem envergonhar-se dele [Mc 8,38].

Tal compromisso significa uma revolução interior, uma metánoia profunda. “Esgotou-se o prazo! O Reino de Deus está aí! Mudem de vida! Acreditem nesta Boa Nova!” [Mc 1,15]. O Novo Testamento nos descreve a situação máxima na entrega da vida por Cristo. “Felizes sereis quando os homens vos odiarem, vos excomungarem, vos insultarem e proscreverem vosso nome como maldito, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos neste dia e saltai de alegria!” [Lc 6, 22-23].

Se esta é a situação religiosa, o humus fontal da fé, a linguagem religiosa será logicamente estranha, com estatuto lógico peculiar. Assim muitos termos religiosos terão um mínimo de referência objetiva, evocando contudo uma relação expressamente pessoal. Quando certas expressões religiosas são tomadas na sua materialidade, na sua lógica verbal, parecem “nonsense”, vazias de sentido, desprovidas de lógica. Mas seria falso ater-se somente a tal consideração, pois dever-se-ia procurar descobrir o contexto de vida, a situação que as gerou. Aqui reencontramos o pensamento de Santo Anselmo: a intelecção se faz a partir da fé: *fides quaerens intellec-*

tum, "credo ut intelligam", de tal modo se não fosse no contexto da fé, as palavras seriam vazias (19).

A linguagem da fé se entende a partir do espaço da fé. Não se quer dizer que ela deva carecer de clareza, de rigor, de seriedade, evitando nebulosidade, obscuridade, ambigüidade. Dentro de seu contexto, a linguagem da fé procura explicitar sua lógica interna. A linguagem religiosa é uma linguagem de pessoas e não de coisas, onde os símbolos e as analogias desempenham papel fundamental. Resiste portanto ao critério de verificação, que o neopositivismo da filosofia analítica tanto prezava nos seus primórdios. É-se tentado reduzir toda linguagem a sua forma descritiva de fatos observáveis. Assim a afirmação: "Pedro crê", poderia ser verificável através do comportamento, das atitudes que ele assume. A experiência da fé poderia então ser reduzida a "n" comportamentos, atitudes, práticas, ações, e onde tais se verificassem, aí se encontraria a fé. Teríamos reduzido à fé a um fato verificável.

É a maneira que comumente usamos a respeito dos outros. Mas quando afirmo: "creio", já não posso usar a mesma análise. É uma afirmação auto-predicativa. Não chego a tal afirmação, porque me observei praticando uma série de atos e no final pude dizer: creio. Mas sou consciente de ser um agente de tais atitudes. A linguagem auto-predicativa resiste à redução a uma linguagem fisicalista (20).

A fé é linguagem não somente porque se deve exprimir, como mo-

vimento do espírito que é, porque é um tipo próprio e original de conhecimento, mas também porque é resposta a uma mensagem apresentada ao que crê em palavras. Assim, por um duplo título, a fé coloca em movimento uma linguagem (21).

Movimento imanente da razão e da fé

O movimento imanente da razão é "ex-plicar" (no sentido etimológico de "desdobrar, desvelar") a inteligibilidade "implícada" na realidade. Procura realizar em linguagem o axioma hegeliano de que "todo real (*wirklich*) é racional (*vernünftig*)" e "todo racional é real", é término de um processo, aquilo que chegou a fazer-se. Portanto a realidade é da mesma natureza do que se opera na linguagem.

Em nível de ciência empírico-formal, o ideal absoluto da razão, naturalmente nunca realizável, seria de construir um grande sistema do qual se poderiam deduzir todas as leis que regessem o comportamento dos objetos empíricos, atingíveis de modo direto ou indireto na percepção sensível. Há por detrás o pressuposto de que o universo visível forma um todo unificado, cuja partes obedeceriam às mesmas leis e de que ele é analisável em termos de linguagem formal suficientemente possante. Em nível das ciências hermenêuticas, a razão procura unir uma significação a toda manifestação, mesmo em aparência desprovida de interesse e produzida por acaso. Estabelece-se um laço entre um sinal aparente e um dinamismo

escondido, que possui inteligibilidade, intencionalidade, até desvendar, se possível, a rede total das significações e das leis de seu funcionamento.

Em nível de filosofia, a razão busca uma explicitação das condições constitutivas da experiência entendida no sentido mais englobante. Nesse movimento da razão, tal processo se faz possível porque há uma homologia entre a linguagem e a realidade total, e pode-se falar que a realidade total é ela mesma linguagem. Portanto a razão tende ao discurso, ao sistema. Ela é medida pela idéia pura do auto-desdobramento do logos (22).

A linguagem da fé, em oposição à linguagem da razão, é a linguagem da intervenção livre, histórica, gratuita de Deus, como Palavra que interpela o homem, na sua situação de pecado, em vista da salvação. A linguagem da razão explicita a inteligibilidade imanente à realidade. A linguagem da fé cria, antecede, precede e envolve o que crê no processo que ela revela. A Palavra da fé não é simples proposta feita a um homem capaz de respondê-la, mas é o ser da própria possibilidade da resposta. É proposta que cria a possibilidade da resposta, pela sua força mesma.

A linguagem da fé é exhibitiva (23), pois realiza o que significa, e não simplesmente significa o que existe. A fé não é uma representação do mundo na sua auto-inteligibilidade, mas ela é inserção num plano histórico salvífico, em que o homem é envolvido, pela oferta livre e criadora de Deus, e pela res-

posta não menos livre e possibilitante pelo próprio dom de Deus. A revelação é palavra, enquanto os fatos, que se encadeiam num processo histórico, são escondidos por palavras [Dei Verbum, 1]. A palavra da revelação é manifestante somente na medida em que é apelo, solicitação, provocação, na expectativa da resposta, em palavra de compromisso, de engajamento.

A palavra da revelação é **noesis** e **dynamis** (24). Noesis enquanto manifesta e provoca o homem na sua racionalidade. Noesis porque interpela enquanto é entendida. Dynamis, enquanto cria o espaço dentro do qual o homem pode responder. Noesis, enquanto responde à inteligência do homem, sempre em busca do último sentido de si, do mundo. Dynamis, enquanto é força para o homem responder, enquanto liberta o homem para o dom de si na confissão e proclamação da fé.

A fé como interpretação

A palavra da revelação não acontece na absoluta imediateidade transparente de Deus, mas nos sinais visíveis dos acontecimentos e das interpretações dos homens. A palavra da revelação sofre uma dupla hermenêutica: interpretação da testemunha da revelação e interpretação daquele que crê na interpretação do testemunha. Há todo um jogo de interpretações. O testemunha dos acontecimentos constitutivos da história da salvação fixaram em linguagem sua interpretação, como expressão de sua fé. É a primeira linguagem da fé. Nos sinais exteriores dos acontecimentos, na

humanidade frágil de Jesus, viram a salvação, exprimiram em linguagem humana o sentido radical da história. Esta linguagem primeira e não a experiência ou os acontecimentos será re-interpretada em sempre novas linguagens de fé através da marcha da humanidade em direção a meta final.

A nossa linguagem da fé hoje é a linguagem da linguagem. Mas há uma realidade comum que, como um lençol de água extensivo, faz brotar no aqui e ali das diversas épocas, a mesma água: a fé. A fé não dispõe de uma hermenêutica prévia, pre-estabelecida, mas ela constitui os sinais como sinais e descobre neles, aquilo de que estão prenhes: a salvação. Estamos em plena circularidade da fé. Ela precede o sinal, constitui o sinal, mas também flui dele. No acontecer do sinal visível, percebe-se a salvação em caminho, precisamente porque já se estava no processo da fé na salvação ao ler o sinal.

Conclusão

A linguagem da fé tem sua especificidade. O cristão não precisa intimidar-se diante das pretensões da linguagem científica ou mesmo filosófica, que querem reduzir ao "nonsense", ao vazio de sentido, qualquer linguagem que fale de Deus, que se refira a um transcendente. Entretanto a linguagem teológica não pode esquecer sua natureza profunda de "linguagem hermenêutica" por excelência. Os acontecimentos constitutivos de nossa fé só nos são acessíveis através de textos, que refletem por sua vez a interpretação da comunidade pri-

mitiva. Inúmeras linguagens se sobrepuseram a esta linguagem original até nossos dias. A linguagem da fé na sua contínua reinterpretação se distingue da exegese que pode sofrer um texto clássico, p.ex., na medida em que nos elementos críticos se vão ajuntando. Na linguagem da fé uma significação só é percebida na medida em que é realmente assumida, tornada viva por meio de um ato novo. Refazer a linguagem é colocar em movimento a linguagem já constituída, prolongar o esforço de compreensão tal qual se desenvolve desde o início, apoiando-se no movimento de sua historicidade. Há portanto um ato único de interpretação, no qual nos encontramos hoje que é um assumir sem cessar a intencionalidade originária —, e através do qual a realidade atestada é tornada presente (25).

Na linguagem da fé, fato e interpretação não se sucedem mas acontecem num ato único, sempre reasumido. Toda nova linguagem da fé deve ser testada pela linguagem da interpretação inicial, pela linguagem primeira, na qual a revelação nos é tornada acessível. A articulação primeira da fé é privilegiada, não porque fosse a melhor expressão, a linguagem mais "divina", mas porque é a única através da qual nos é referida a história da revelação. A verificação da linguagem da fé se faz no interior da própria linguagem. Toda nova linguagem da fé prossegue hoje o processo desencadeado no início, quando o Verbo da Vida foi apalpado pelas mãos da testemunha primitiva [1 Jo 1,1].

A fé é linguagem para exprimir-se e para entender-se. Quem crê, realiza um ato que participa de sua racionalidade, de sua inteligência. Pode e deve ser exprimível em linguagem, que reflete a generalidade de uma experiência a ponto de poder ser entendido por outro e a singularidade de seu ato, enquanto se reflete nas "suas" próprias palavras. Esta linguagem enquanto comunga com uma generalidade, espaço-temporal, mantém uma base comum com toda linguagem da fé. Mas enquanto acontece em determinado momento, reflete a especificidade deste horizonte cultural. A nova linguagem responde, não sucessivamente, mas num ato único a essa dupla exigência.

A fé, por outro lado, enquanto acolhimento de uma mensagem também é linguagem. Mensagem expressa numa linguagem primeira, histórico-culturalmente bem definida. Cabe à teologia, ao cristão de hoje, usando de uma variedade enorme de linguagens que lhe fornece o mundo atual, transvalorizar tais linguagens, para construir a sua própria, contanto que se mantenha a compreensão na fé do acontecimento da revelação, longe portanto da arbitrariedade, irresponsabilidade, temeridade. Da seriedade e coragem de tal tarefa, dependerá, em larga escala, que a linguagem da fé não fique esotérica, misteriosa, ou até mesmo ininteligível, um "nonsense".

NOTAS

- [1]. Y. CONGAR, **La foi et la théologie**, [Le mystère Chrétien], Desclée, Tournai 1962, pp. 127ss.
- [2]. J. MACQUARRIE, **A linguagem religiosa e a recente filosofia analítica**, em: *Concilium* [1969, n.6] n. 46, p. 134.
- [3]. J. MACQUARRIE, art. cit. p. 134.
- [4]. J. MACQUARRIE, art. cit. p. 139/140.
- [5]. LE DU, J. **Elaboration d'un langage de la foi dans um groupe**, em: *diversos Le Langage de la foi dans l'Écriture et dans le monde actuel*, [Lectio Divina 72], Paris 1972, pp.81ss.
- [6]. LE DU, J., art. cit. p. 85
- [7]. R. BUTTERWORTH, **On Theological Language**, em: *The Way* 12 [april 1972, 2] p. 110.
- [8]. L. WITTGENSTEIN, **Philosophical Investigations**, Oxford 1953, p. 43.
- [9]. K. RAHNER, **Théologie et anthropologie**, em: *diversos: Théologie d'aujourd'hui et de demain*, [Cogitatio fidei, 23] Paris 1967, pp. 99ss.
- [10]. R. BUTTERWORTH, art. cit. p. 114.
- [11]. K. RAHNER, art. cit. p. 99.
- [12]. S. AGOST., Conf. III, 6, 11.
- [13]. S. AGOST. Conf. III 6, 11 e X, 27, 38.
- [14]. P. TILLICH, **The shaking of the foundations**, p. 65s, citado por: J. A. T. Robinson, *Honest to God*, London 1963, p.47.
- [15]. J.A.T. Robinson, o.c. p. 46.

- [16]. B. MONDIN, **Il problema del linguaggio teologico dalle origini ad oggi**, Brescia 1971, pp. 439ss.
- [17]. G. COSSÉE DE MAULDE, **Analyse linguistique et langage religieux. L'approche de Ian T. Ramey dans "Religious Language"**, em: *Nouv. RevTheól.* 91[1969] pp. 179ss.
- [18]. G. COSSEÉ DE MAULDE, art. cit. p. 181.
- [19]. A. ANSELMO, **Prosl. c. I**, citado por: H. BOUILLARD, **Comprendre ce que l'on croit**, Paris 1971, 18.
- [20]. J. MACQUARRIE, art. cit. p. 141/2.
- [21]. J. LADRIÈRE, **Le Langage de la Foi**, Louvain 1970, ad inst. manuscripti, p.2.
- [22]. J. LADRIÈRE, art. pp. 3ss.
- [23]. K. RAHNER, **Was ist ein Sakrament**, em: *Schriften zur Theologie* Zürich Einsiedeln Köln 1972, v X pp. 381ss.
- [24]. R. LATOURELLE, **Théologie de la Révélation**, DDB 1963, 21968.
- [25]. J. LADRIÈRE, **La théologie et le langage de l'interprétation**, em: *Rev. Théol. de Louvain* 1[1970,3] pp. 248ss.

O progresso das ciências e da tecnologia e a circulação quase instantânea das informações em quantidade sempre maiores alimentam não só a sede de novidades do homem atual, como também abrem-

A Prudência na Renovação da Vida Religiosa

Cleto Caliman, SDB

lhe novos horizontes para a sua consciência do mundo e da história. Observa-se, porém, que o aumento quantitativo das informações que, à primeira vista, poderiam ajudar o homem planejar seu agir histórico, nem sempre é acompanhado de soluções adequadas.

A defasagem entre as informações e a vida, em vez de diminuir, parece crescer ainda mais. O homem moderno parece ter perdido o sentido da totalidade, a visão de conjunto e aquela sabedoria da vida que unifica e humaniza a multiplicidade dispersa das informações (1).

Na Igreja, graças à abertura do Vaticano II, não mais é possível

viver à margem dos acontecimentos. O alargar-se do campo das informações e da opinião pública no interior da Igreja e o diálogo com o mundo fez com que muitos cristãos tomassem consciência de um número sempre crescente de problemas, cujas soluções não se avistam a olho nu (2).

Os religiosos participam cada vez mais desta circulação de informações. Depois do Vaticano II apresentaram-se para acolher essa abertura para o mundo, alguns com alegria, porque se descortinava um campo aberto para seu espírito de iniciativa, antes bloqueado por estruturas ultrapassadas. Outros, decepcionados, viram ruir a velha e tradicional segurança dos conventos e casas religiosas afeitas a horários rígidos, onde tudo deslizava a **contento**. A fidelidade a Deus e a observância era, não poucas vezes, medida pela regularidade e pela obediência pronta e formal à Regra e ao superior.

Essa abertura alargou de fato o campo das decisões pessoais e da participação da comunidade nas decisões da vida religiosa. Mas isso, parece, não veio diminuir a distância entre o complexo de normas gerais que regem a vida religiosa, mesmo atualizadas segundo critérios evangélicos, e sua aplicação à vida concreta.

A prudência, no horizonte da política de Deus

Então perguntamos: qual é a distância entre o papel e a vida, o Evangelho e a experiência concreta, as idéias e a realidade? Entre aqui-

lo que nos documentos da Igreja ou da comunidade religiosa chamamos de princípios de renovação e o que de fato acontece? É que entre a segurança do papel, da letra do Evangelho, das idéias e dos princípios gerais de renovação e a vida há, na expressão de K. Rahner, uma "diferença antropológica" (3). Um "espaço de decisão" onde o religioso e a comunidade correm o risco por própria conta. Nele o religioso e a comunidade estão entregues "ao próprio juízo" (Ecl 15,14). Não são escorados nem por uma moral de tipo dedutivo nem por uma moral isolada ditada única e exclusivamente pela situação.

Se queremos construir uma ponte sobre o rio teremos que correr o risco de cair n'água, isto é, de fazer a ponte ligando as duas margens do rio. Permanecer de um lado, excluindo a possibilidade do outro lado, significa simplesmente eliminar a tensão dialética que nos faz progredir e nos impele a caminhar para frente, negando o dinamismo da história.

Mas como poderemos discernir na vida real o caminho a tomar dentro desse espaço de decisão, se as opções aparecem multiplicadas em direções às vezes tão disparatadas? Na falta de critérios unificadores do agir humano e cristão, como não cair na tentação de soluções extremistas, às quais se atribuem, sem mais, o poder de resolver com eficácia mágica e automática os problemas da vida religiosa? Qual é o encaminhamento certo para uma decisão que seja real e historicamente eficaz para que o religioso e a comunidade cresçam dentro do horizonte da fé e que envolva, jun-

amente com uma constante conversão do religioso para Deus, também a renovação das instituições?

O homem de fé tenta sempre descobrir nas entrelinhas de sua vida e da situação histórica a vontade de Deus. Todavia, para isso não é suficiente a perspicácia humana. Exige-se também um "faro para aquilo que Deus agora quer de mim" (4).

Viver a história é estar a caminho. Mas caminhar por caminhar também é desnorteante. É preciso intuir e conhecer o caminho no intrincado dos sinais dos tempos e no horizonte de compreensão que nos envolve e nos acompanha e que nos é próprio como homens de fé. Essa é a oportunidade que o religioso e a comunidade possuem para exercerem o carisma que lhes é próprio (5). Esse é também o momento em que se articula o exercício da virtude da prudência.

— O que é a prudência?

Alguns identificam-na com uma virtude passiva, o avesso da temeridade, uma virtude sem coragem

e audácia. Outros julgam-na uma habilidade para escapar de situações difíceis e para viver uma vida tranqüila e sem incômodos. A casuística e a moral dos sistemas de probabilidade pouco ou nenhum lugar reservaram para uma articulação livre e responsável do agir humano em vista a uma decisão concreta. A prudência neste contexto consistiria na habilidade de confrontar o caso concreto com a norma geral e, seguindo os diversos sistemas de probabilidades, conduzir a tal ou qual decisão. Tudo seria questão de deduzir das normas gerais o que se deve fazer na prática.

Mas então onde fica o duro confronto da consciência pessoal com a situação concreta a partir dos critérios da fé? Onde fica aquela singularidade irrepetível do agir pessoal que não é mero "caso" de uma lei universal, mas a experiência única e singular de uma pessoa ou de uma comunidade?

O primeiro passo do exercício cristão da virtude da prudência, como sabedoria da vida, visa situá-la no horizonte da "política de Deus".

A sabedoria como fonte integral de existir e a política de Deus

Na história da salvação Deus revela uma singular maneira de entrar em comunicação com o homem. A esse seu trato com o homem chamamos aqui de política de Deus, que se rege pela sua sabedoria eterna, participada ao homem experimentada na história como

forma integral de viver diante de Deus. No Antigo Testamento ela era vivida como obediência dócil à Lei.

Viver a sabedoria não consistia em eliminar as contradições da história pela busca de um esquema se-

guro da aplicação da Lei, mas em "sentir" a voz de Javé como único ponto de apoio.

Javé, por sua vez, sempre se manifestou um contestador severo das posições mais cômodas e seguras de seu povo. Assim, de sua bem nutrida estada no Egito, ainda que como escravo, guiou-o para o deserto. Em Canaã ele construiu uma pátria, um templo com sua liturgia cheia de pompas e uma religião com sua lei. Substituiu o apoio de Javé por um esquema triunfalista de segurança político-religiosa. E o Senhor o arrancou de seu conforto, provando-o com o exílio.

De volta do exílio, tendo perdido a independência política, Israel acastelou-se na observância da Lei até às minúcias. Construiu seu próprio sistema de valores, que aos poucos se tornou opressor das consciências. Cristo contestou esse tipo de ordem que aliena o homem. Situa-o defronte a si mesmo, na liberdade de filho de Deus, para que assumia seu destino.

Deus sempre coloca o homem na situação de ter que assumir o risco de decidir, de crer. A história é vista como um caminhar no deserto na presença sempre ativa e eficaz de Javé. A política de Deus consistiu sempre em dar condições ao homem, à medida que avançava em sua caminhada, de se libertar da opressão, de qualquer lado que ela viesse: da política, da Lei, da economia, da natureza ou mesmo da religião.

Assim, o povo de Deus foi conduzido de acontecimento em acontecimento, caminho afora, buscando

apoio, liberdade e um sinal concreto e palpável de seu progresso como povo e de sua conveniência com Javé. Mas à medida que ele encontra formas concretas e viáveis de se autogovernar, uma terra, bem-estar, a tentação foi deslocar o centro de decisão de Javé para as coisas ao alcance de sua mão. Javé passou então a ser alguém distante da vida de seu povo.

Israel trocou a liberdade de ser gente pela escravidão das coisas. Não entendeu que ser livre da opressão era caminhar ao lado de Javé. Essa verdade é dura de discernir, pois supõe a descoberta de que a segurança verdadeira do homem não está nas coisas, nos sistemas, no bem-estar, na Lei, no passado que "já era", mas no mesmo fato de estar voltado para o futuro, o terreno ainda não conquistado da história, onde se manifesta a originalidade de cada pessoa e de cada comunidade (6).

A ambivalência de Israel diante de Javé nos mostra que há dois tipos de sabedoria. Uma sabedoria que se baseia na estratégia humana. A razão busca dentro do horizonte do mundo os elementos para planejar, programar e agir de acordo com seus objetivos próprios. Essa sabedoria humana, que não pode ser desprezada, põe a segurança na concatenação de causas e efeitos colocados pelo mesmo homem e concretizados nas coisas em função de seus interesses. Há outra sabedoria que se baseia na estratégia de Deus. Ela é um dom de Deus para a nossa caminhada. Por ela andamos na luz e não nas trevas (Jo 8,12) e podemos provar o que é agradável ao

Senhor (Ef 5,8-10), com a mesma maneira de “sentir” de Jesus Cristo (Flp 2,1-5).

O “sentir”, na linguagem bíblica, é aquela capacidade prática de intuir, avaliar, provar e saborear o que se deve fazer na situação concreta. Essa avaliação crítico-sapiencial é feita, segundo Paulo, na tensão da caridade (1 Cor 10,23-33), que nos abre para valores autenticamente humanos (Flp 4,4-8) e nos sensibi-

liza para os “sinais dos tempos”. Todo o processo de descoberta do **kairós**, o tempo oportuno para a salvação, envolve uma decisão prática e existencial para o agir: a prudência tem a tarefa de conduzir à ação. Ela é funcional (7).

Qual é a função da prudência dentro da política de Deus? Como descobrir o “tempo de Deus” na experiência da vida religiosa pessoal e comunitária?

A função da prudência cristã: descobrir os caminhos de Deus

A função da prudência é justamente orientar a descoberta dos caminhos de Deus e de sua política dentro do próprio campo de ação do homem, a história, onde ele cresce sempre mais para o exercício de sua liberdade, como parceiro de Deus.

A linguagem da Escritura é fruto da descoberta do ato criador e salvador de Deus como ato de liberdade e de amor voltado não para o passado mas para o futuro (8). Essa linguagem nos ajuda descobrir que o tempo de Deus, tempo de salvação, no qual se desenvolve sua política, é como um projeto no qual o homem se vê associado, não como roda na engrenagem ou como um dos itens de uma programação desde toda a eternidade mas como participante livre e ativo, chamado a determinar como será o seu futuro e o futuro do mundo.

A prudência cristã é aquela virtude que, descobrindo esse tempo de Deus no dinamismo dos aconte-

cimentos, discerne o caminho que o amor cristão deverá seguir, desenvolve a capacidade de ver a situação e a hora de Deus, capta o sentido salvífico de cada instante. Ela é “o olhar da fé voltado para o momento presente” (9).

Função da prudência é, pois, levar o cristão a discernir a vontade de Deus na vida e conduzi-lo, através de uma decisão pessoal e responsável, à ação. Mas, perguntamos, a partir de que horizonte nos movemos para a ação? Que condicionamentos estão por trás das decisões? A que tipo de decisão nos leva a linguagem da fé? A que tipo de decisão nos leva a linguagem do mundo atual?

O horizonte do agir histórico do cristão e do religioso

O homem da era tecnológica crê na eficácia da tecnologia e mal sobrevive como homem na engrenagem do sistema de produção e consumo a serviço das numerosas burocracias da sociedade atual. Estamos sempre correndo o risco de continuar e perpetuar a estrutura de dependência do homem à natureza, contrariando frontalmente a condição básica da política de Deus: o homem parceiro de Deus. Deus o liberta da opressão para tê-lo como amigo.

O religioso, como homem e como cristão, vive também dentro da estrutura viciada e unilateral do mundo submetido aos "poderes e dominações". A sociedade tecnologicamente programada só consegue aumentar quantitativamente os bens para o consumo, enquanto o progresso da humanização não é mensurável por estatísticas. Ele é fruto do exercício da liberdade dentro da comunidade humana.

Diante disso o religioso deve examinar a incidência de uma concepção burguesa da vida nas decisões práticas de renovação na vida religiosa e nas estruturas, às vezes, argumentos de bem-estar e de comodismo pesam demais na balança das decisões. Isso vem mostrar que a vida religiosa não está isenta de influências alheias e até contrárias ao espírito evangélico, que prejudicam a qualidade do engajamento que, a partir da vocação religiosa, poder-se-ia pretender de um

religioso ou de uma comunidade.

Uma identificação passiva com a instituição religiosa satisfazem alguns. Poderíamos dizer que vegetam como religiosos. A prudência para esses é buscar a identidade pura e simples com a instituição, a sua segurança. Não percebem que a vida exige-lhes mais do que isso. O burguês é mais vivo, tem interesses e objetivos, mas numa perspectiva egoísta: a racionalidade mostra-lhe como conseguir o máximo de bem-estar com o mínimo de esforço e ele se aproveita disso para viver.

O cristão autêntico, no entanto, e o religioso deve ser tal, coloca os alicerces de seu agir não no egoísmo ou na procura dos próprios interesses, mas no plano de Deus, que ele tenta discernir na vivência da fé, da oração e na vida cristã de cada dia. Seu critério máximo é a lei do amor demonstrado por Cristo até "perder a própria vida" (Lc 9,23-24) e considerado por Paulo como a "loucura da cruz" (1 Cor 3,18-19) (10).

A prudência, pois, dirige e orienta o agir histórico do homem, o seu caminhar em tensão entre Deus e sua realização como homem. Neste caminhar o homem vislumbra de um lado seu ponto de apoio, a absoluta fidelidade de Deus que cria e salva, condição radical de sua existência e progresso no mundo. De outro lado o homem se arrisca sempre na

busca do definitivo. Mas enquanto ele se realiza na decisão livre e consciente, percebe que na busca do definitivo ele se depara sempre com o provisório que o remete para frente.

A vida do homem é uma busca ofegante do permanente na provisoriedade dos acontecimentos que o libertam da escravidão do que já passou. Quanto mais o homem toma consciência de si mesmo, tanto mais ele percebe que a sua realização pessoal e comunitária está ainda no passo que vai dar, está na sua frente como algo do qual ele não pode dispor e que o impele a caminhar. Quanto mais se aproxima de Deus, tanto mais descobre que ele é a consumação dos momentos todos de sua procura, a realização mais perfeita de si mesmo (11).

A vida religiosa é, sobretudo, um sinal dessa dimensão de consumação que está presente em todos os momentos de procura do homem: por isso o religioso é aquele que sempre tem a coragem e a audácia de inventar novas formas de libertar o homem para viver esse momento de Deus.

Esse processo de busca do momento de Deus na vida pode ser falseado quando, ao agir, não se tem em vista a tensão de todos os dados essenciais para as decisões ao longo do caminho.

A nossa vida é como a tensão do caminhar. Enquanto um pé está no chão para dar firmeza, o outro se joga para frente em busca de espaço. De um lado o homem se firma sobre seus pés. Do outro lado ele arrisca sempre o amanhã, a estrada.

Assim é a experiência do caminhar histórico. Nele a pessoa é um ponto de convergência das tensões que partem de uma multiplicidade de dados e, como que, se concretizam à medida que o homem se decide. O homem inteiro está em jogo. Todos os dados que estão presentes ao homem, mesmo os mais inconscientes, influem nas suas escolhas existenciais.

Pode-se assim falsear e tornar unilateral o exercício da virtude da prudência quando se eliminam dados importantes, aspectos relevantes do que se pretende renovar, quando se perde a visão de conjunto e não se consegue mais aquela síntese dos fios da meada.

Pode-se falsear o processo pelo qual se chega a uma decisão concreta quando se nega um dos polos de tensão. Então não cabe mais o diálogo. Não serve à causa da renovação, por exemplo, negar o valor da experiência histórica de uma comunidade, fazer do passado "tabula rasa" e pretender construir o futuro daí. Também não ajuda dogmatizar o passado e fechá-lo ao futuro. Na realidade, o futuro não nasce do nada. Ele passa através da descoberta daqueles aspectos do passado e do presente que fazem abortar novos caminhos, através da negação crítica e sofredora desses aspectos, para depois instaurar uma nova práxis aberta para o futuro (12).

De qualquer forma, não se pode desconhecer a situação do homem a caminho, que procura e vive a provisoriedade dos acontecimentos e das coisas do mundo, na condição de peregrino. O homem prudente

deve ser realista: discernir quando uma solução ou decisão será uma forma possível de realização do amor cristão na vida. A plenitude e a perfeição são o ideal do agir humano, mas às vezes a nível de vida concreta não há outro caminho senão o compromisso "experimental" como uma forma de ser não redimido que busca a salvação definitiva" (13).

Pode-se falsear as decisões para a renovação da vida religiosa quando se parte de um conceito privatizante de história, ou seja, quando certas deliberações enxergam unicamente a "nossa" história, os fatos particulares de "nossa" história, os fatos particulares de "nossa" família religiosa ou de "nossa" comunidade,

sem olhar para além dos muros aquele horizonte amplo que incide na determinação e na direção dos problemas. Essa limitação do campo de visão dá origem a grupos fechados ou a religiosos individualistas.

Concretamente, o que devemos fazer para que o exercício da prudência na renovação da vida religiosa seja eficaz para a libertação do homem de hoje e para a sua humanização? Como articular todos os dados que temos em mão? Como pesar a tensão que parte de cada um dos dados que a vida nos apresenta e fazer uma síntese, uma avaliação global, que conduza a uma ação prática e eficaz?

Pistas para uma articulação do exercício da prudência na vida religiosa

Agir com prudência é discernir de maneira realista as possibilidades reais existentes em dada situação e depois decidir-se por uma delas de tal forma que nos sintamos empenhados na ação.

Para chegar à ação é preciso articular os dados que estão à disposição, pesar os prós e contras, que nos são apresentados pela fé, pela razão, pela situação e por nossas possibilidades reais de agir. Deveremos, pois, indagar quais as motivações mais profundas que condicionam todo o processo de escolha dos objetivos, da programação em vista de sua execução. Consideremos antes o que seria uma falsa articulação do exercício da prudência.

Muitas vezes certas deliberações nascem de preconceitos, de pontos de vista alienados da realidade vivida. Certas decisões vão alimentar falsas esperanças que são projetadas como objetivos reais para as pessoas ou para as comunidades. A falta de uma visão realista tem como consequência a distorção de todo o processo de renovação.

Alguns gostariam de programar toda a renovação da vida religiosa a partir de soluções pré-fabricadas que seriam depois aplicadas aos "casos" particulares, como se a vida se deixasse enquadrar em esquemas e não existisse o Espírito Santo. Voltaríamos então à velha casuística. Mas então qual seria a ta-

refa realmente humana, onde a pessoa empenha sua responsabilidade, se o processo de decisão se esvazia na aplicação automática dos princípios de renovação?

Hoje não é mais possível deixar de lado na renovação da vida religiosa as razões de ordem científica e técnica. Mas se a racionalidade do homem não pode ser menosprezada, não poderá também prevalecer como o juiz supremo da história. Não podemos, como cristãos e religiosos esquecer o horizonte aberto da sabedoria que procede de Deus.

A razão científica e a sabedoria da razão podem fazer nascer no homem a vã esperança de superar de maneira mágica as ideologias e de eliminar a escravidão do homem para conduzi-lo à sua plena realização. Seria uma maneira nova e refinada de volta à velha dependência mágico-ritualista das forças da natureza, hoje representadas pelo progresso técnico e científico. Isso acontece quando se esquece que a medida é o homem.

Por outro lado, deliberações há que são produto da "razão de estado". O poder de decisão coloca-se a serviço da autoridade e para escorar as estruturas. Automaticamente transfere-se para a autoridade e para as estruturas toda a eficácia do projeto de renovação, quer por parte dos membros da comunidade que não querem "se meter" nisso, quer por parte do superior que assume ares de soberano absoluto. Atribui-se à autoridade e às estruturas, mesmo renovadas, um tipo de eficácia mágica e automática que

passa por fora das pessoas e da comunidade.

Todos esses aspectos têm seu peso e constituem o lastro da experiência vivida em comunidade e, de uma forma ou de outra, positiva ou negativamente, interferem nos programas de renovação e reforma da vida religiosa. O que se incrimina aqui, é claro, não é o sentido humanizante da técnica, da ciência, da autoridade ou das estruturas, mas seu lado desumanizante, quando essas realidades são assumidas numa estrutura de poder opressor. E todos nós sabemos que a vida religiosa não está imune do exercício de um poder opressor, que fere a raiz mesma da liberdade cristã. Se essa é uma possibilidade real, deve estar sujeita a crítica severa e radical, para que essas realidades se ponham a serviço de uma nova ordem na vida religiosa.

Como seria então uma articulação humanamente viável e cristãmente correta e verdadeira do exercício da prudência na renovação da vida religiosa?

Essa articulação deve partir de uma visão realista da verdadeira situação do homem, peregrino na história, a caminho para o futuro que Deus lhe oferece como graça. Nesse caminho o homem vive a experiência da própria história como busca e risco, em que ele empenha totalmente o seu ser, pondo em jogo sua vida.

O homem compreende também que participa de um grandioso projeto da política de Deus. Sabe que esse projeto não é alguma coisa "no papel", que está escrito até os

últimos detalhes para ser apenas aplicado. O projeto humano é dinâmico. Seu esboço é o mesmo homem que nas suas decisões, por mais provisórias que sejam, aspira encontrar em sua vida alguma coisa de definitivo que lhe fogue das mãos. O traçado invisível deste projeto está em seu coração aberto para uma resposta à vocação de Deus para caminhar na esperança, para frente, até viver o sentido total da existência.

O medo de correr risco e o receio de perder-se existirá até o momento em que o homem descobre que o definitivo que ele busca não pode ser encontrado em nenhum dos resultados do seu "fazer", do seu "produzir", mas é ele mesmo totalmente articulado para Deus. Isso acontecerá quando ele descobrir na vida a verdade paradoxal do cristianismo que todo o religioso é chamado a viver como sinal: só perdendo a própria vida poderemos na verdade encontrá-la. Esse é o verdadeiro processo de humanização. A morte é condição para a ressurreição libertadora.

O homem terá, pois, que descobrir, como experiência própria, que a história é o lugar onde se vai rea-

lizando a sua humanização e sua ressurreição libertadora; que o seu poder de decisão não será mais o resultado da articulação do exercício de um poder opressor do homem, mas da articulação do exercício do poder libertador de Deus, voltado para a vida do homem.

A articulação da prudência, tendo como medida o critério da política de Deus em relação ao projeto de humanização de todas as forças e do mesmo poder do homem sobre a natureza e o mundo, será a mesma articulação de sua ressurreição pelo poder de Deus.

Neste sentido, o progresso da renovação da vida religiosa não será medido no plano da cosmologia: segundo a capacidade de produzir tal ou qual quantidade de "bens" de consumo, como dominar técnicas de comunicação, de educação ou coisa que valha; mas no plano da antropologia: segundo a capacidade de abrir novas perspectivas para o homem no campo de sua libertação, em que ele possa expressar a originalidade irrepetível e singular de sua experiência religiosa pessoal e comunitária frente a Deus e aos irmãos (14).

Uma nova articulação da prudência exige nova linguagem

A articulação do exercício da prudência no contexto do mundo atual exige uma nova linguagem para expressar a nova experiência que vivemos. Não basta que o exercício da prudência assuma novas

formas para que seja eficaz na renovação da vida religiosa e de suas estruturas. É preciso que surja uma expressão adequada das novas formas de exercício pessoal e comunitário das responsabilidades dentro

das comunidades religiosas, de modo que a articulação da experiência com a linguagem seja capaz de comunicar uma nova dinâmica de renovação e seja eficaz para desencadear um processo dinâmico e permanente de revisão.

Para essa nova expressão da articulação do exercício da prudência na renovação da vida religiosa alguns pontos devem ser tidos como fundamentais:

1) Aceitação dos dados das ciências modernas e da tecnologia, como a cibernética aplicada ao campo social, também no governo das comunidades religiosas.

2) Apropriação de uma linguagem que não elimine a tensão criadora da história, mas deixe caminho aberto para o exercício dos carismas pessoais e para a expressão da originalidade de cada um e de cada comunidade.

3) Essa linguagem deve ser a expressão da sapiência cristã, à cuja raiz está Cristo crucificado, "escândalo para os judeus e loucura para os pagãos" (1 Cor 1,23). Se a prudência para os gregos era o equilíbrio, o "justo meio", para o cristão será a audácia de perder a própria vida, a coragem de tomar decisões que expressem realmente o poder libertador de Deus manifestado em Cristo, e no seguimento de Cristo, na Igreja e em todo o verdadeiro cristão.

NOTAS:

- (1) Cf. *Gaudium et Spes*, 56.
- (2) Cf. WAGNER CH.; **A cibernética social como tarefa permanente da Igreja**. *Concilium* 5 (1968) 42-67.
- (3) Cf. SPECK J.; **Karl Rahners theologische Anthropologie**, Munique 1967, pp. 222-234. RAHNER K.; **Lo dinámico en la Iglesia**, Barcelona 1963, pp. 15-45.
- (4) FURGER F.; **A prudência e a evolução das normas morais**. *Concilium* 5 (1968) p. 123.
- (5) Cf. RAHNER K.; op. cit. pp. 46-92.
- (6) Cf. ALVES R.; **Teologia della speranza umana**, Brescia 1971, pp. 157ss.
- (7) Cf. CAPONE D.; **Prudenza e coscienza**, Roma 1968/69, pro manuscrito, pp. 42-71. RAULIN A.; **La prudence**, em: *Initiation théologique III*, Paris 1955, pp. 681-722.
- (8) Cf. ALVES R.; op. cit. pp. 13ss.
- (9) HÄRING B.; **A Lei de Cristo I**, Herder 1960, p. 630.
- (10) Cf. PAULO VI, **Evangelica Testificatio**, 27, 29. *SEDOC* 43 (1971) p. 659.
- (11) Cf. TOMÁS DE AQUINO, **De Veritate**, 2,24.
- (12) Cf. ALVES R., op. cit. pp. 157ss.
- (13) OUWERKERK C. A. J. van, **"Ethos" evangélico e soluções humanas de compromisso**. *Concilium* 5 (1965) p. 13.
- (14) Cf. ALVES R., op. cit. pp. 157ss.

Publicamos esta breve pesquisa sobre Pequenas Comunidades, como material de análise e de reflexão. Foi realizada pela Irmã Margarida Serpa Coelho, em colaboração com o Executivo e a Diretoria da CRB-Recife. A pesquisa vale como amostragem de uma realidade no Nordeste II. O trabalho serviu de reflexão para a Assembléia Regional do Recife, em 12, 13 e 14 de setembro. Como será a vida religiosa amanhã? Os religiosos e religiosas, vivendo em Pequenas Comunidades, tentam dar uma resposta. Cabe-nos, diante do fato, acompanhar as experiências com amor e espírito crítico.

Pesquisa

Pequenas Comunidades

Recife

C R B — Nordeste II

MARGARIDA SERPA COELHO

Preparando o encontro dos Superiores Maiores de setembro, fez-se um levantamento junto às Pequenas Comunidades da Região, visando colher, a partir das bases, informações que ajudariam os trabalhos da Assembléia assim como o caminhar das próprias comunidades. O questionário foi elaborado abrangendo os seguintes tópicos:

- A. Identificação das Comunidades
- B. Principais atividades
- C. Objetivos, evolução dos mesmos
- D. Vida das comunidades
- E. Perspectivas da vida religiosa no Nordeste.

Foram enviados 35 questionários. Houve 22 respostas, cerca de 60%. Omitiram-se, sobretudo, comunidades mui recentemente fundadas.

Na viagem de contato com as comunidades, soube-se da existência de 8 comunidades que, por conseguinte, ou não receberam o questionário ou não responderam.

Foi feito um levantamento dos dados da pesquisa, apresentado à Assembléia e por ela enriquecido com questionamentos e reflexões. O presente trabalho contém, além dos dados da pesquisa (I), umas pistas de reflexão (II), feitas pela equipe de reflexão teológica da Regional a partir da pesquisa, do conhecimento que tem das pequenas comunidades e de algumas reflexões com a equipe dos Ministérios.

I. DADOS

A. IDENTIFICAÇÃO DAS COMUNIDADES — O QUE EXISTE

Quadro n.º 1

	Comunidades	N.º religiosos
Alagoas	6	19
Pernambuco	15	53
Paraíba	10	35
Rio Grande do Norte	6	21
	37	128

Quadro n.º 2

Tempo de fundação

1963	1 comunidade	1969	1 comunidade
1964	1 comunidade	1970	2 comunidades
1965	2 comunidades	1971	6 comunidades
1968	5 comunidades	1972	3 comunidades
	9 comunidades		12 comunidades

Total de congregações com experiência de Pequenas Comunidades :

25. Porcentagem sobre o total de congregações no Nordeste : 43% .

B. ATIVIDADES — O QUE FAZ

Perguntas :

1. Em quais destas atividades vocês se ocupam principalmente ?
(Numerar as opções em ordem decrescente).

- () Paroquias : catequeses, liturgia, visitas a capelas etc.
- () Pedagógicas : aulas, cursos, escolas etc.

- () Hospitalares: enfermagem, hospital, postos etc.
- () Assistenciais: cursos, dispensários etc.
- () Contatos com o povo: inserção, visitas etc.
- () Outros: especificar.

2. Estas atividades (obras) pertencem a quem?

À Congregação: À paróquia: À diocese:
 A outras entidades:

3. Vocês trabalham de modo autônomo ou partilham com outros grupos estas atividades?

De modo autônomo: Com outros grupos:
 Especificar.

Quadro n.º 3

Opções das comunidades quanto às atividades

Atividades	Cfras Abs.	Porcentagem
Contato com o povo	20	28%
Paróquias	16	23%
Hospitais, enfermagem	11	16%
Evangelização	7	10%
Assistência Social	6	8%
Outros	3	4%
	63	89%

A opção evangelização foi separada da opção paróquia por se tratar no caso do Movimento de Evangelização que funciona independentemente da estrutura paroquial, no Nordeste. O trabalho é feito a partir dos grupos de base no meio do povo.

Quadro n.º 4

Opção feita pelas comunidades

Opção	Porcentagem
Paróquia	72%
Atividades pedagógicas	50%
Atividades hospitalares	36%
Atividades assistenciais	27%
Povo	90%
Evangelização	31%

Observações.

1. Há em média 3 opções por comunidades e, em média, 3 mem-

bros por comunidade. 2. Nove comunidades colocaram o povo como objetivo (inserção etc.). Nove colocaram para o povo a opção 1 (principal escolha). Não foram, no entanto, exatamente as mesmas. 3. Sete comunidades colocaram como objetivo o serviço paroquial; duas comunidades hoje não colocam mais essa atividade como primordial, ou seja, opção 1. 4. A comunidade n.º 6 fez quatro opções, todas de peso 1; esta Pequena Comunidade tem quatro membros. A comunidade n.º 11 fez opções de peso 1. Esta comunidade tem também quatro membros.

Quadro n.º 5

A quem pertencem as atividades ou as obras

Entidade	Cfras Abs.	Porcentagem
Paróquia	15	39%
Diocese	10	28%
Congregação	5	14%
A outras entidades	7	19%

Observações.

1. Sessenta e quatro por cento das atividades pertencem à Igreja local, isto é, se dão em âmbito eclesial-pastoral. 2. Dezenove por cento pertencem a entidades várias, entre elas: colégios de outras congregações, leigos particulares, prefeituras.

Quadro n.º 6

Autonomia das comunidades em sua ação

	Cfras Abs.	Porcentagem
Trabalham de modo autônomo	9	40%
Trabalham com outros grupos	13	60%

Observações.

Os grupos assinalados são, em geral, grupos de ação pastoral, quando se trata de atividades em paróquias ou dioceses e grupos de reflexão, grupos de planejamento, quando se trata de atividades pedagógicas ou hospitalares. São antes, grupos de trabalho que de vida; de distribuição de tarefas mais do que de reflexão.

C. OBJETIVOS — O QUE SE QUER

Perguntas:

4. Por que e para que a comunidade de vocês foi criada?

5. Hoje, após anos de existência, o objetivo primeiro:

Mudou completamente : Alterou-se : Conser-
vou-se : Dê as razões da mudança ou da conservação.

6. Quais as principais dificuldades que vocês encontraram neste tempo ?

7. Que atitude a congregação de vocês mantém com relação a esta experiência ? Aprovação e estímulo : Aprovação : Tolerância : Desinteresse : Outros::

Quadro n.º 7

Objetivos mencionados em visão sintética

Objetivos	Percentagem
Inserção, presença de amizade, solidariedade com o povo	37%
Inserção, dando prioridade à oração	6%
Serviço paroquial, ajuda ao vigário, substituição	17%
Pastoral de conjunto, resposta ao apelo do bispo	14%
Vida religiosa renovada, vida fraterna	14%
Outros (obras social, profissionalização etc.)	12%

Quadro n.º 8

Alteração ou conservação dos objetivos

	Cfras Abs.	Percentagem
Alteraram	7	32,5%
Conservaram	10	44%
Sem resposta	5	23,5%
	22	100%

Razões dadas :

1. De Alterar: Nova visão da Igreja, contato com a realidade, exigências da realidade, evolução ou mudanças de pessoas, maior esclarecimento. 2. De conservar: objetivos continuam válidos, necessidades permanecem, dentro da realidade. 3. De omitir: não houve tempo ainda para avaliar os objetivos.

Observações.

Oitenta por cento das comunidades que conservaram foram criadas entre 1970 e 1972. Vinte por cento das que conservaram foram Pequenas Comunidades criadas entre 1968 e 1969. Noventa por cento das comunidades que alteraram seus objetivos são Pequenas Comunidades criadas entre 1963 e 1966. Dez por cento foram criadas em 1971.

Quadro n.º 9

Principal dificuldade, sua origem, visão sintética

Dificuldade	Percentagem
PESSOAS: mentalidade, heterogeneidade do grupo, mudança de pessoas, falta de preparo psicológico, social, falta de maturidade, vocação específica	44%
OBJETIVOS: indefinição, falta de planejamento, visão .	6%
ATIVISMO: horários sobrecarregados, dispersão de forças, desencontros, falta de tempo	30%
ISOLAMENTO: falta de apoio, sem ajuda para caminhar, para refletir	12%
POVO: ignorância da situação, da região, falta de compromisso com o povo	8%

Observação: Houve cinquenta dificuldades levantadas no conjunto das perguntas 6 e 9.

Quadro n.º 10

Apoio da congregação

	Cifras Abs.	Percentagem
Com aprovação e estímulo	15	68%
Com tolerância e desinteresse	7	32%
	<hr/>	<hr/>
	22	100%

Observações.

Oito comunidades, além das sete que se colocaram no item: tolerância, desinteresse, acrescentaram algumas informações, tais como: Já passamos por tudo, aprovação, desinteresse, medo, aprovação teórica, aprovação da cúpula e desinteresse das bases. São portanto 15 comunidades (68%) que não têm aprovação e estímulo, na prática.

D. VIDA DAS COMUNIDADES — O QUE SE VIVE

Perguntas:

8 Sendo a vida religiosa fraterna fator importante para a renovação da vida religiosa, podiam assinalar sinteticamente: a) Em que vocês vivem concretamente essa experiência comunitária? b) Quais os maiores impecilhos que encontram para isso?

9. Como se mantém a comunidade de vocês? Ajuda da Diocese: Ajuda da congregação: Ajuda da paróquia: Trabalho profissional: Outros:
10. Qual o sentido da profissionalização das religiosas?
11. Quais as principais descobertas que vocês fizeram nestes anos?
12. Quais os passos que vocês deram e consideram válidos para a renovação da vida religiosa?

Quadro n.º 11

Manutenção. Sua origem	Cifras Abs.	Porcentagem
Trabalho profissional	14	45%
Paróquia	7	22%
Congregação	5	16%
Exterior	3	10%
Diocese	2	7%

Observação. Quarenta e cinco por cento da origem da manutenção das Pequenas Comunidades são o trabalho profissional; cinquenta e cinco por cento são as diversas ajudas.

Quadro n.º 12

Sentido da profissionalização. Visão sintética

1. **Meio de comunhão com os homens.** Ponte entre os homens. Integra mais a religiosa na corrente da vida humana. Mais uma forma de solidariedade e engajamento no mundo.

2. **Medo de participar na vida e na luta dos menores.** Tornamos mais humildes e solidários com aqueles que não são valorizados por seu trabalho. Fonte normal de manutenção. É participar da sujeição de muitos homens.

3. **Vivência mais real da pobreza.** Pelo trabalho vive-se melhor a pobreza e acabam os privilégios. Liberta de certo diletantismo. Muita gente se ocupa, na vida religiosa, não trabalha, porém.

4. **Algumas observações feitas.** Seria importante que religiosas trabalhassem em instituições leigas; trabalhar como subalterno e não como patrão ou como dono para conhecer a realidade do que vive o povo. Seria importante que religiosas realizassem toda espécie de trabalho e não se restringissem apenas (ou quase que exclusivamente) ao setor pedagógico. Onde uma mulher pode estar, por que não poderia estar uma religiosa?

Quadro n.º 13

Principais descobertas. Visão sintética

1. Com relação à vida religiosa. Oração mais vivida e mais vital; descoberta do Espírito Santo; menos estruturas e mais vida; relacionamento entre nós e com os amigos e colegas mais humano e sincero. Descobrimos que podemos viver com muito menos do que estávamos acostumadas. As revisões de vida se tornam mais vitais, espontâneas e sinceras. A consciência de se saber o que se quer e a disposição de enfrentar os riscos, dão um dinamismo particular à vida de cada uma.

2. Com relação ao povo. Vivendo no meio do povo, sentimo-nos mais parte de uma Igreja em luta e de um povo em luta. Dentro da situação concreta dos homens, tomamos consciência maior da necessidade de nossa libertação junto com eles. Descobrimos que Cristo já está no meio do povo sempre e antes de nós. O povo nos evangeliza mais do que nós a ele. O povo vive simplesmente o evangelho. Morando perto dos homens, temos novas condições de atenção à vida deles.

3. Com relação às atitudes pastorais. Percebendo a distância que existe entre nós e o povo, em todos os sentidos, nos perguntamos: como evangelizar (o que fizemos aliás a vida inteira) se nem nos comunicar sabemos? Corremos o risco de desrespeitar o povo impondo-lhes nossa cultura e nossos valores sem tomar conhecimento de que ele tem sua cultura e seus valores.

É sobretudo o próprio povo que vai se evangelizar. Jesus Cristo se faz homem, de igual para igual. Só haverá evangelização quando passamos da linha de privilégio para a do fermento.

Quadro n.º 14

Passos concretos. Visão sintética

1. Vida mais simples, despojada e evangélica. Troca de carro, venda de carro, renúncia a pistolão para encontrar empregos, médicos etc. Casa aberta a qualquer dia e hora e para qualquer um. Laços de amizade criados no dia-a-dia da vida junto dos pequenos.

2. Vida eclesial. Mais integração na vida da Igreja local. Trabalho conjunto com o clero diocesano. Partilha de trabalho e vida: oração, lazer, revisões. Vivemos mais em função da evangelização pela presença do que através das obras. Menos executamos tarefas que somos funcionárias que estamos disponíveis etc.

3. Atitude, maturidade, responsabilidade. Hoje em dia temos mais coragem de arriscar. Tentamos resolver nossos problemas sem transferir decisões. Nas reuniões com o povo, começamos a ouvir mais do que a falar e dar aulas. Nossa pedagogia começa a passar do dar respostas ao levantar perguntas.

E. PERSPECTIVAS DA VIDA RELIGIOSA NO NORDESTE

Pergunta:

13. A partir da experiência e da observação de vocês, em que sentido a vida religiosa deveria caminhar, especialmente aqui no Nordeste?

Quadro n.º 15

Visão sintética destas perspectivas

1. Quanto às comunidades. Formar Pequenas Comunidades, no meio do povo; comunidades de vida e destino com o povo; abertas às outras; com a Igreja local. Que a escolha dos membros seja cuidadosa. Pessoas vocacionadas, conscientes e corajosas.

2. Quanto ao estilo de vida. Ter a coragem de deixar certos privilégios, certas atividades e obras que não são prioritárias na situação tanto do povo quanto da Igreja de hoje. Mais oração vital. Dar prioridade aos trabalhos com o povo. Correr o risco de perder a situação, segurança, prestígio. Não deveríamos colaborar nem organizar movimentos que atrasem, dificultem ou impeçam o processo de libertação do povo.

3. Quanto à área. Mais engajamento junto aos menores. Deveríamos ir para o interior. Temos medo de perder a segurança das grandes cidades.

II. REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS

A partir destes dados, alguns pontos mereceriam uma maior atenção para a nossa reflexão. Alguns deles surgiram na Assembléia. Outros foram objeto de estudo da Equipe do Secretariado ajudado pela Equipe dos Ministérios. Uns e outros estão aqui expostos sinteticamente.

Objetivos e atividades

Entre os objetivos e as atividades mencionados na pesquisa, dois surgem com mais peso e frequência: **A.** Serviço paroquial e assistencial (ligado à paróquia). **B.** Contato com o povo e evangelização.

Constata-se o seguinte:

A. 72% das comunidades nomeiam a opção do serviço paroquial; 31% das atividades são na linha de serviço paroquial ou assistencial; 39% das obras pertencem à paróquia; 31% dos objetivos mencionados referem-se à paróquia, substituição de vigário etc.

B. 90% das comunidades nomeiam a opção contato com o povo; 38% das atividades são na linha da presença, inserção; 43% dos obje-

tivos mencionados visam a presença no meio do povo; 100% das descobertas, passos dados, estão na linha da presença no meio do povo, inserção etc.

Parece, portanto, que há uma dicotomia entre o que se quer (ou o que se diz querer); entre o que se considera descoberta válida e o que realmente se vive.

1. Os desejos, as descobertas são na linha e a partir da presença no meio do povo; no entanto, o que ocupa e solicita constantemente as irmãs são as atividades que estão mais na linha do funcionalismo e das tarefas que na linha da presença: aulas, reuniões, trabalho com o povo, etc.

2. Mesmo as atividades assistenciais (para o povo) não têm o mesmo tom e o mesmo estilo de relacionamento que quando se trata de um convívio com os vizinhos e amigos.

3. As atividades paroquiais, sejam elas cultuais ou outras, nem sempre possibilitam o contato pessoal freqüente. Há sempre um predomínio da estrutura sobre a pessoa.

4. Os problemas e dificuldades internas dos grupos parece reforçar a dicotomia.

5. A quase totalidade dos empregos das religiosas que têm uma atividade profissional está em Instituições — colégios, universidades, hospitais bastante distantes do povo, quer cultural, quer social, quer geograficamente. Apesar das reflexões sobre a profissionalização, pode-se afirmar que poucas irmãs têm de fato um trabalho ou emprego na linha do que foi dito em termos de solidariedade ou participação.

— Será que as pessoas, os grupos, as instituições têm consciência desta dicotomia?

— Qual seria a posição dos membros dos grupos, das congregações, dos bispos, com relação a tudo isto?

— Se de fato se reconhece um caminho válido este que está surgindo, não seria o momento de se tomar decisões mais concretas nesta linha?

Acompanhamento = Apoio

Constata-se o seguinte:

60% das comunidades trabalham com outros grupos e 12% apenas das comunidades nomeiam o problema do isolamento, falta de acompanhamento; 68% das comunidades recebem aprovação e estímulo das respectivas congregações.

No entanto,
no tom e no tipo de dificuldades apresentadas que há uma falta de reflexão, de acompanhamento, de apoio. A constatação da dicotomia existente prova, parece, a falta de condições nas pessoas, nas congregações, nos grupos para dar este acompanhamento, ajudar a refletir, a optar etc.

Na prática,
parece que ainda não se chegou a um caminhar adulto. As comunidades estão mais ou menos entregues a elas mesmas e sem meios de defesa ante as inumeráveis solicitações de pessoas — vigários, diretores de colégios, de hospitais, poderes públicos etc. — **mais preocupadas com o cumprimento de determinadas tarefas** que com certa visão do que seja ou deva ser a **religiosa hoje**.

— Será que está havendo uma sã hierarquia de valores na escolha das atividades?

— As revisões de vida e de ação estarão atingindo o coração do problema?

— Está havendo preparo das pessoas para que sejam capazes de assumir adultamente o caminhar com seus grupos?

Missão. Vida Religiosa

Terminando este trabalho, talvez estejamos chegando ao cerne da questão. Muitos dados foram levantados. Muitas perguntas surgiram a partir das reflexões, muitas constatações foram feitas.

O **ativismo** das pessoas será apenas uma consequência de hábitos passados, de problemas psicológicos, uma fuga aos problemas pessoais ou dos grupos?

Seria o problema da **manutenção** a causa deste ativismo e dispersão, desta falta de tempo, como muitas vezes se pensa e mesmo se afirma? Será que faltam motivações para se viver uma vida religiosa autêntica, hoje, no Nordeste?

Talvez devêssemos ir mais fundo e trazer à tona o que está latente. Há, parece, um problema que é de fato mais profundo e se manifestou timidamente num ou noutro momento desta Assembléia: **o problema da missão própria da religiosa**.

Há um novo tipo de serviço — ministério — que surge mas que ainda não é o polo unificador e dinamizador daqueles que buscam. Aumentam as dificuldades mas nem sempre cresce a vida religiosa na mesma proporção. Essa dicotomia só se resolveria numa síntese nova: a

missão. Enquanto se busca revolver os problemas comunitários ou como diminuir o ativismo, possivelmente pouco se fará.

Não seria, pois, o momento de incentivar e encaminhar aqueles que buscam numa linha mais do ser, numa linha de presença e solidariedade bem dentro da vida concreta dos homens, usando os meios destes mesmos homens, especialmente os menores, e, a partir desta realidade e com eles, crescer na fé e na esperança?

Antes de ser funcionárias das Paróquias, das Instituições, não teriam as religiosas função de ser presença crítica ou simplesmente cristã no meio dos homens e evangelicamente perto dos menores?

Quatro dias após o término da Reunião da Sagrada Congregação dos Religiosos com Presidentes de Conferências Nacionais de todo o mundo (CONVERGÊNCIA, página 3), o Cardeal Daniélou deu uma entrevista, expressando idéias contrárias às que haviam sido aprovadas pelos Superiores Gerais e Presidentes de Conferências. Em vista do inusitado da entrevista, dois dias após, 26-10, os Superiores Gerais rebateram as afirmações do Cardeal. Para uma informação ampla e objetiva damos a seguir os dois textos.

Entrevista do Cardeal Daniélou

ROMA, 23 DE OUTUBRO DE 1972

Pergunta: Eminência, existe realmente uma crise na vida religiosa? Se existe, poderia indicar suas dimensões?

Resposta: Sim, atualmente existe uma crise na vida religiosa e muito grave, a ponto de não se dever falar em renovação mas em decadência. Penso que esta crise afeta primordialmente o mundo Atlântico. A Europa do Este e os países da África e da Ásia mostram, sob este aspecto, melhor saúde espiritual. Esta crise se revela em todos os domínios. Os conselhos evangélicos não são mais considerados como consagração a Deus, mas são encarados através de uma perspectiva sociológica e psicológica. Se existe a preocupação de não se

apresentar uma fachada burguesa, no plano individual, entretanto, a pobreza não tem mais vez. A obediência foi substituída pela dinâmica de grupo. Sob o pretexto de reação ao formalismo, toda a regularidade da vida de oração foi abandonada. As conseqüências deste estado de confusão se manifestam logo, de um lado, no desaparecimento das vocações, pois os jovens anseiam por uma formação séria; e, por outro lado, em numerosas e escandalosas deserções de religiosos que rescindem, sem mais, os liames de um pacto que os unia ao povo cristão.

Pergunta: Vossa Eminência poderia indicar, segundo seu

parecer, as causas desta crise?

Resposta: A fonte essencial desta crise é uma falsa interpretação do Vaticano II. As diretrizes do Concílio foram e são claras: maior fidelidade dos religiosos e das religiosas às exigências do evangelho expressas nas Constituições de cada Instituto; e adaptação das modalidades destas Constituições às condições da vida moderna. Os Institutos que são fiéis a estas diretrizes experimentam uma verdadeira renovação e têm vocações. Mas em numerosos casos, substituíram as diretrizes do Vaticano II por ideologias errôneas que circulam em revistas, em encontros de teólogos. Entre estes erros pode-se mencionar:

a) A secularização. O Vaticano II declarou que os valores humanos deveriam ser levados a sério. Nunca, porém, declarou o Vaticano II que entraríamos para este mundo secularizado no sentido de que a dimensão religiosa desapareceria da civilização. É em nome de uma falsa secularização que religiosos e religiosas renunciam a seu hábito; abandonam suas obras para se inserir nas instituições seculares; substituem a adoração a Deus por atividades sociais e políticas. E assim, aliás, remam contra a corrente da necessidade de espiritualidade que se manifesta no mundo de hoje.

b) Uma falsa concepção da liberdade leva à depreciação das

instituições e das regras e exalta a espontaneidade e a improvisação. Aqui está outro absurdo tanto maior que atualmente a sociedade ocidental se ressentida de uma grande ausência de uma disciplina da liberdade. A restauração de regras firmes é uma necessidade da vida religiosa.

c) Uma concepção errônea de mudança no homem e na Igreja. Se o meio ambiente muda, os elementos constitutivos do homem e da Igreja são permanentes. Questionar estes elementos constitutivos das ordens religiosas é um erro fundamental.

Pergunta: **Vossa Eminência vê, no horizonte, remédios para superar esta crise?**

Resposta: Penso que a solução única e urgente é sustar as falsas orientações tomadas em muitos Institutos. É necessário, portanto, parar com todas as experiências e todas as decisões contrárias às diretrizes do Concílio. É necessário acautelar-se contra livros, revistas, encontros onde estas concepções errôneas são veiculadas. É necessário restaurar, em sua integridade, a prática das Constituições com as adaptações pedidas pelo Concílio. Onde isto for impossível, parece que não se pode recusar aos religiosos que querem ser fiéis às Constituições de sua ordem e às diretrizes do Vaticano II, de constituir comunidades distintas. Os Superiores re-

ligiosos são obrigados a respeitar este desejo.

Estas comunidades devem ser autorizadas a estabelecer casas de formação próprias. A experiência mostrará se as vocações são mais numerosas nas casas de estrita observância ou nas casas de observância mitigada. Na hipótese de os superiores se oporem a estas legítimas reivindicações, um recurso ao Soberano Pontífice, está certamente legitimado.

A vida religiosa está vocacionada a um imenso futuro na civilização técnica. Tanto mais esta civilização se desenvolver, tanto maior se fará sentir a aguda necessidade de que Deus seja manifestado. Esta é exatamente a finalidade da vida religiosa. Mas para cumprir esta missão faz-se mister que a vida religiosa encontre sua verdadeira significação e rompa radicalmente com a secularização que a destrói na sua essência e a impede de atrair vocações.

Resposta dos Superiores Gerais ao Cardeal Daniélou

ROMA, 26 DE OUTUBRO DE 1972

Uma comissão especial de Superiores Gerais se reuniu na sede da União para refletir sobre o texto da entrevista concedida à Rádio Vaticano pelo Cardeal Daniélou, dia 23 de outubro de 1972.

Os Superiores Gerais estranharam o diagnóstico de “deca-dência” feito pelo Cardeal e aplicado à situação presente da vida religiosa. Seu conhecimento direto do que se vive nos Institutos lhes permite testemunhar que a renovação exigida dos religiosos pelo Concílio progride diariamente em fatos. Os esforços para melhorar a oração pessoal e comunitária são perceptíveis por toda a parte. Partilha do evangelho, qualidade na celebração eucarística, multiplicação de “casas de oração”, são exemplos disso. A renovação da vida comunitária se traduz eloqüentemente pelo progresso no diálogo e pela disposição íntima de ouvir o outro; pela consciência mais viva da responsabilidade de cada um na construção cotidiana da comunidade; pela participação mais ativa de todos na busca e na realização do bem comum; pelo cuidado de “servir à vocação de cada pessoa” a fim de que “cada um seja tratado com deferência, seja reconhecido, seja amado e possa trazer à sua comunidade e ao mundo, o melhor de si mesmo” (Discurso

do Papa aos representantes das Conferências dos Religiosos. Observatore Romano, 20 de outubro de 1972). Muitos religiosos e religiosas descobrem e vivem a obediência ao Pai dos Céus em formas novas de dependência de seus irmãos, de seus superiores, de sua missão, dos acontecimentos. Sua consciência de estar a serviço da Igreja e sua vontade de se inserir na pastoral de conjunto tornaram-se muito mais vivos. A exigência interior da imitação de Cristo cresceu muito assumindo mais efetivamente uma pobreza de trabalho, de partilha, de serviço.

Numerosos testemunhos sobre estas realizações concretas de renovação foram relevadas agora na recente reunião dos representantes das Conferências Nacionais de Religiosos e de Religiosas com a União dos Superiores Gerais e a Sagrada Congregação dos Religiosos. Nestes testemunhos e no Discurso do Soberano Pontífice que lhes foi dirigido, os participantes deste Encontro sentiram uma esperança e um elã novo para prosseguirem no esforço difícil de renovação da vida religiosa "desejado pelo Concílio" (**Evangelica Testificatio, n.º 5**). Foi seguindo as pegadas das diretivas conciliares que os Capítulos Gerais e a grande maioria dos religiosos se engajaram com fé neste empreendimento sem precedente na história da Igreja. Foi por obediência ao Concílio que, para melhor atingir a inspiração evangélica dos Fundadores e responder mais adequadamente às necessidades do mundo atual, todos os Institutos religiosos, procederam não apenas a uma revisão de suas constituições e de seus costumes, mas também procederam a uma reavaliação e, com freqüência, a uma reconversão de suas obras apostólicas.

Como um dos sinais mais marcantes do esforço atual de renovação da vida religiosa como aliás da inspiração inicial de numerosas Fundações, está esta preocupação missionária de anunciar Cristo aos que estão afastados e, portanto, de atingir os homens para realizar o evangelho. Pois bem, tanto na Evangelica Testificatio como em seu recente Discurso aos Superiores Maiores, o Papa Paulo VI confirmou este elã e se alegrou, convidando os religiosos a vivê-lo sempre mais na fé. Admiramos, portanto, de encontrar, na entrevista do Cardeal, apenas uma interpretação negativa de pesquisas que, freqüentemente, foram inspiradas por uma vontade evangélica. Quase sempre, é o esforço de religiosos "para atingir os pobres na sua condição, participar de suas lancinantes preocupações" que leva "muitos Institutos a reconverter, em favor dos pobres, algumas de suas obras" (**Evangelica Testificatio, n.º 18**). É a vontade de seguir a Cristo, que veio atender ao apelo dos pobres, privilegiados de Deus, que incita religiosos e religiosas a cumprir melhor uma importante tarefa, a sua tarefa, nas "obras de misericórdia, de assistência e de justiça social" (**Evangelica Tes-**

tificatio, n.º 16); a recusar o "compromisso com qualquer sorte de injustiça social"; a "despertar as consciências para o drama da miséria e para as exigências da justiça social do Evangelho e da Igreja" (**Evangelica Testificatio, n.º 18**).

Um tal programa de renovação proposto a sociedades religiosas, de homens e de mulheres, não se realiza por um passo de mágica. O motu próprio **Ecclesiae Sanctae** advertiu os institutos religiosos que o período de experiência poderia ser longo e, mais fundamentalmente advertia, que a renovação deveria ser doravante permanente. Quer, então, dizer que não seria nem realista, nem conforme à intenção do Concílio, nem honesto com a coragem manifestada pela imensa maioria dos religiosos, se se quisesse pura e simplesmente estancar o processo iniciado, depois de tão pouco tempo.

Imprudências, passos falsos, deserções, abandonos, excessos, defecções, em diversas faixas é um fato que ninguém nem sonha negar. Tudo isto faz sofrer profundamente a grande massa dos religiosos fiéis a Deus, à Igreja e aos homens. Sem minimizar a realidade e a importância da crise na vida religiosa, não seria mais justo reconhecer que ela é indissociável de uma outra crise muito mais ampla que afeta a Igreja e o mundo atual?

Não é também inevitável que o esforço necessário de presença no meio dos homens para anunciar a Boa Nova se realize às apalpadelas? Não seria mais evangélico, então, procurar descobrir, na evolução atual da vida religiosa, os sinais positivos de uma renovação, onde o Espírito de Deus não está ausente e aceitar a prova como uma purificação e um apelo à pobreza interior, ao apoiar-se somente em Deus e esperar dele a salvação?

Estas dificuldades múltiplas nascidas da crise de nosso tempo, como ainda o empreendimento da renovação da vida religiosa provocam, muitas vezes, tensões dolorosas dentro dos próprios Institutos religiosos. A solução de divisão e de ruptura que parece preconizar o Cardeal em sua entrevista é contrária à vontade expressa por unanimidade nestes últimos dias pelos Representantes de 130 Conferências de Religiosos e de Religiosas e pela União dos Superiores Gerais.

Eles se negam aceder à tentação da cisão. Pelo contrário, se comprometem prosseguir, com coragem, com esperança, no esforço do diálogo, da abertura e da compreensão mútuas, para manter e construir a unidade, respeitando as legítimas diversidades. Este parece ser, para os Superiores Gerais, o caminho da verdadeira fidelidade ao evangelho, à inspiração conciliar, ao espírito do Papa Paulo VI, que, na encíclica **Ecclesiam Suam**, colocou seu pontificado sob o signo do diálogo.

Realizou-se de 23 a 26 de outubro, próximo passado, o Encontro de Formadores de Seminários Maiores, em Petrópolis, RJ. Foram 29 participantes, representantes de 12 regionais da CNBB e da CRB, convidados especiais e Dom Valfredo Tepe, responsável junto à Comissão Episcopal de Pastoral dos Projetos da Linha 1 da CNBB. Conseguiu-se reunir um grupo verdadeiramente engajado na formação de futuros presbíteros que, num ambiente de realismo, serenidade e otimismo, pararam diante de alguns objetivos propostos pela coordenação do Encontro.

Encontro de Formadores de Seminários

1. Quanto à formação intelectual

- * Incentivar e possibilitar trabalho de equipe dos professores (por exemplo, através de freqüentes seminários e reuniões de Departamento).
- * Exigir dos professores um contato com a problemática atual do homem comum.
- * Estimular a integração da Teologia na Universidade, no sentido de:
 - presença-fermento da teologia na Universidade;
 - exigência de a Teologia por-se à altura de um diálogo com o mundo científico e universitário;
 - manutenção de cursos de vários níveis (em particular para a formação de professores para educação religiosa nas escolas, oficiais e particulares, de 1.º e 2.º graus, com títulos reconhecidos).
- * Os Institutos de Filosofia e Teologia colaborem na formação teológica de agentes de pastoral e leigos.
- * Os Institutos de Filosofia e Teologia empenhem-se em dar uma acurada formação intelectual aos candidatos ao presbiterato.
- * É desejável caminhar para a formação de professores e teólogos no Brasil. Sendo dificilmente viável um Centro Nacional de Es-

tudos teológicos de alto nível, é necessário valorizar o desenvolver Centros Regionais, mas intensificando o intercâmbio, a cooperação e mesmo a integração entre eles.

- * Valorizar também encontros de professores e teólogos, reforçando o que já existe. (Por exemplo: Semanas de teologia) e provocando encontros de professores das disciplinas onde ainda não há integração. Os temas dos encontros sejam os assuntos mais urgentes do momento.
- * Na urgente necessidade de captar a mentalidade do homem contemporâneo, além de dispensar muita atenção ao pensamento filosófico, faz-se mister um contato com os grandes mestres da literatura.
- * Desenvolver estudos da realidade brasileira e da cultura popular (por exemplo: Instituto Afro-Brasileiro dos Franciscanos de Petrópolis).
- * Publicar textos para estudos teológicos, que sirvam de subsídio aos Institutos e Seminários.
- * Voto de louvor às editoras que publicam livros de teologia (especialmente VOZES, mas também outras).
- * Formar um comitê com representantes da CNBB e dos Institutos e um "consórcio" de editoras para promover as publicações teológicas (livros de texto, possivelmente escritos por brasileiros, uma revista-seleção de "extratos" ou resumos de artigos teológicos estrangeiros).
- * Intercâmbio de apostilas e publicações entre os Institutos (pelo reembolso postal).
- * Enviar publicações e apostilas dos Institutos e Seminários ao Instituto Nacional de Pastoral (Rio), para constituir um Centro de Documentação sobre o ensino teológico no Brasil.
- * É muito importante incentivar o diálogo e a corresponsabilidade entre o Episcopado e os teólogos (de Institutos, Seminários, etc.). Os Institutos poderiam prestar uma assessoria teológica aos Bispos. Em caso de divergências, doutrinárias ou possíveis erros, procurar o diálogo entre Bispos e teólogos, antes de polêmicas ou condenações públicas.

2. Quanto à formação espiritual

- * Que os responsáveis de cada experiência de educação presbiteral dêem um testemunho autêntico de corresponsabilidade e de integração em equipe.

- * Preocupem-se os Institutos e Seminários com a orientação psicológica de seus candidatos, como subsídios da orientação espiritual.
- * Levar os candidatos a uma vivência de fé mais profunda, através de uma revisão constante de sua vida comunitária e trabalhos pastorais, à luz do Evangelho.
- * Haja preocupação de um contato freqüente do Bispo e seu Presbitério com a equipe dos formadores e os candidatos.
- * Incentivar o espírito de auto-disciplina, criando, junto com os seminaristas, um projeto de vida mínimo, como compromisso de vida comunitária.
- * Promover o conhecimento das grandes experiências místicas, não só cristãs, como também de outras religiões.

3. Quanto à formação pastoral

3.1 Apelos:

- * Que a visão pastoral não seja minimizada numa visão clerical, mas tenha perspectivas de uma visão global da realidade.
- * Que cada grupo continue a sua experiência, abrindo-se às outras, sem se cristalizar.
- * Necessidade de uma presença engajadora do futuro presbítero a fim de que se sensibilize pelas necessidades que brotam da realidade local.
- * Exigência básica: saber trabalhar em equipe e com espírito comunitário, de fraternidade.
- * O ideal é que o candidato tenha ligação **contínua e comprometida** — com o povo a quem pretende servir, e também com o bispo e presbitério.

3.2 Sugestões:

- * A sugestão fundamental é a de uma atitude de respeito às experiências existentes, que manifestam duas tendências: 1) preparação pastoral, a partir da existência de Seminários e Institutos; 2) preparação teológico-pastoral, a partir de candidatos já inseridos numa comunidade concreta e particular.
- * Sugestões quanto à primeira tendência: ● Incentivar uma presença ou engajamento, ainda que circunstancial. ● Estimular uma reflexão sobre todas as formas concretas de pastoral existentes.

- Sugestões para os comprometidos com a segunda tendência.
 - Estar presente e em ligação com todas as outras experiências pastorais, que não a sua, e em termos muito amplos: Dioceses, Regiões, etc.
 - Refletir sobre as exigências que a sua experiência coloca no sentido de definir melhor o sacerdócio ministerial.
- * Alguns recomendam que sempre o futuro presbítero ou agente de pastoral, antes de completar seus estudos, inicie-se, durante um longo período, num trabalho escolhido por ele juntamente com o seu responsável. Como critérios para a escolha do campo pastoral, deveriam figurar, além de outros, os seguintes: ● as aptidões e preferências do candidato; ● as necessidades reais da pastoral onde ele for trabalhar.

Observações:

1. A iniciação pastoral terá como objetivo tentar as aptidões do candidato e fazer participar a população com que ele for trabalhar, do processo de sua aprovação definitiva, em vista da ordenação. Dar-se-á, durante a iniciação pastoral, a assessoria necessária por parte dos Institutos ou Seminários. 2. A longo prazo, e mais profundamente, parece que o problema da diversificação dos ministérios abre mais campo para as atuais experiências.

4. Quanto à formação diversificada e diversificação dos ministérios

- * A problemática da diversificação dos ministérios (entendida não como preenchimento das vagas dos quadros institucionais, geradas pela escassez de padres, mas como novas orientações pastorais em resposta às necessidades da base) deve ser estudada em todos os níveis através de grupos de reflexão.
- * Sugere-se o intercâmbio das experiências entre as diversas iniciativas, bem como com os Institutos Teológicos.
- * Formem-se equipes, em áreas regionais, que pesquisem e reflitam a diversificação da formação presbiteral e dos demais ministérios.
- * Os participantes deste Encontro reflitam a sua temática com os Regionais.
- * Desfaçam-se mal-entendidos e preconceitos em torno das novas experiências pastorais de formação dos presbíteros.
- * Que as Comissões Regionais e Nacional do Clero assumam, reflitam, e acompanhem a evolução das diversas experiências sobre a formação presbiteral e diversificação dos ministérios.

Realidade sócio-religiosa

O Estado do Paraná é tradicionalmente católico. A Regional Sul II é constituída de duas províncias eclesiásticas com sedes metropolitanas em Curitiba e Londrina. A Província Eclesiástica de Curitiba conta com cinco dioceses, a saber: Ponta Grossa, Guarapuava, Paranaguá, Palmas, Toledo e a Eparquia Apostólica Ucraniana de São João Batista com sede em Curitiba. A Província Eclesiástica de Londrina conta também com cinco dioceses, a saber: Jacarezinho, Maringá, Campo Mourão, Apucarana e Paranavaí. Há perspectivas de se criar mais duas novas dioceses: Umuarama e Cornélio Procopio.

CRB REGIONAL DE CURITIBA



REPORTAGENS

Centros de Cultura

No Paraná 1.250.000 crianças e jovens frequentam escolas, em todos os níveis. Existem atualmente no Estado do Paraná 15.000 grupos escolares. A Universidade Federal do Paraná e a Universidade Católica. Encontram-se em formação duas Universidades e uma já em funcionamento na cidade de Londrina. Outras cidades do interior possuem Faculdades. No total existem mais de 16 mil estudantes universitários no Paraná, dos quais 11 mil na Capital.

Centros de Desenvolvimento

Existem Centros de grande desenvolvimento populacional e industrial: Ponta Grossa e Paranaguá. Desenvolvimento agro-pecuário: Região Norte do Paraná. O Paraná é o principal produtor agrícola do Brasil.

O Paraná é um Estado em desenvolvimento que oferece ótimas condições para a produção. A existência de uma infra-estrutura que garante energia, transporte, comunicações e preparação de mão-de-obra, além de financiamentos para a instalação, expansão de indústrias, torna o Paraná um excelente campo para inversões industriais.

Sua população é estimada em 7 milhões de habitantes, sendo 2,7 milhões localizados em áreas urbanas. O crescimento demográfico do Paraná é o maior do País e, na década de 50 alcançou a taxa anual média de 7% contra a taxa nacional de 3,2%, por sinal das maiores do mundo. Apesar deste índice, a distribuição de renda é das melhores do Brasil, o que torna o Estado um excelente Estado consumidor. A superfície é de 200 mil quilômetros quadrados, cerca de 2,3% do território nacional.

No plano de Pastoral da Diocese de Toledo para o ano de 1971, foi incluído um programa especial, chamado: Programa de Promoção Humana no meio rural. Para coordenar e executar o programa está à disposição da Diocese, inteiramente liberado para este trabalho, o Pe. Aloisio J. Weber.

Situação da Igreja

A Igreja está presente em todo o Estado, inclusive, nos núcleos de indígenas de Guarapuava e Apucarana. No Paraná estão estabelecidos 120.000 cristãos ucranios de rito oriental.

Caminhos novos para atender às necessidades do povo

a) Comunidades de base. b) Integração de paróquias, tendo como base o movimento de criatividade comunitária. Estão sendo orientados pelo padre Miguelângelo Romero, da Arquidiocese. Neste sentido estão sendo feitas experiências-piloto em diversas paróquias da Arquidiocese, com perspectivas de estender-se às demais paróquias. c) Ministérios específicos para atender às necessidades locais. Exemplos: pastoral da infância, pastoral da juventude, pastoral dos meios universitários e rurais. d) Dificuldade: percebem-se problemas entre estruturas e renovação.

Centros de formação intercongregacionais

Instituto de Teologia de Curitiba (ITC). Congregações presentes no Instituto: Josefinos 11; Palotinos 6; Carmelitas 6; Passionistas 5; Catequistas 1; Bernardinas 2; Saletinhas 4; Irmãs do Sion 3; Leigos 1; Irmãs de São José 2; Sagrados Corações 1; Irmãs de Santo André 1; Missionárias de Jesus Crucificado 1; Irmãos Maristas 1. Dioceses presentes: Prelazia de Xingu, Florianópolis, Tubarão, Lages, Maringá, Chapecó, Caçador, Joinville, Piracicaba, Rio do Sul.

Noviciado Intercongregacional Atualmente com trinta noviças postulantes e cinco mestras, pertencentes a cinco congregações.

Juniorado Intercongregacional. O juniorado intercongregacional é uma nova abertura na vida religiosa. O curso proporciona às jovens reli-

gias uma profunda preparação espiritual, religiosa, humana e um sempre maior entrosamento. Participam trinta e cinco membros de oito congregações diferentes. Os professores, em sua maioria, são sacerdotes e religiosos. Há colaboração por parte de leigos.

Curso Mater Ecclesiae. É um curso de teologia destinado a religiosas em geral. Estão frequentando 42 religiosas pertencentes a 13 congregações.

Trabalhos que os religiosos realizam e suas respostas às necessidades prioritárias

As Congregações realizam atividades caracterizadas pelo espírito e carisma que lhes são próprios, conforme os depoimentos das Congregações consultadas. Retiros para grupos diversificados; Escolas; Hospitais e Obras Assistenciais: Educandários; Asilos; Orfanatos; Albergues; Creches; Clubes de Mães; Catequese: urbana e rural; Centros Litúrgicos; Atendimento e Seminários; Atividades Vocacionais; Treinamento de Líderes; Pastoral Paroquial e em todas as capelas rurais; Escolas de Enfermagem; Apostolado na imprensa; Centros de difusão; Livrarias e missão junto às famílias. Formação da doméstica e promoção humana; Missões e Retiros; Magistério; Pastoral da juventude.

Conforme as respostas recebidas, percebe-se que as atividades estão, em parte, respondendo às necessidades prioritárias da Região.

Entrosamento dos religiosos na Pastoral de Conjunto

O III Plano de Pastoral Orgânica da CNBB Regional Sul II, preconiza como meta prioritária a formação de pessoal e o fortalecimento das coordenações, como condição necessária para a implantação do Plano. As grandes linhas do III Plano Regional de Pastoral Orgânica: Linha de Unidade — Evangelização e Catequese — Linha de Liturgia — Linha de Inserção no mundo. Os Religiosos no Paraná estão engajados como agentes na Pastoral, em todas as Dioceses.

Residência dos Religiosos

Existem na Regional: 406 comunidades femininas; 328 comunidades religiosas de Congregações masculinas. Estão localizadas na Capital, cidades e municípios do Interior do Paraná.

Diálogo entre religiosos e religiosas

Em nossa Regional há testemunho de entrosamento, co-responsabilidade e diálogo, na vivência religiosa, nas atividades apostólicas, educacionais e assistenciais. Há perspectivas de maior aproximação, conhecimento e amizade entre os religiosos e religiosas. Constatamos essa realidade através de questionários, encontros, entrevistas e experiências. O diálogo, como autêntico inter-relacionamento pessoal, entre seminaristas, estudantes, padres e religiosas está caminhando sempre mais para a maturidade.

Perspectivas para o futuro

Pelo diagnóstico sobre as atualidades no Setor Vida Religiosa concluimos que há boas perspectivas que nos ajudam a caminhar com uma visão otimista. Estão sendo feitas novas experiências em pequenas comunidades na busca de uma vivência mais conforme ao Evangelho e, sobretudo, numa renovação equilibrada.

Neste sentido está sendo utilizado, como instrumento, o movimento de Criatividade Comunitária. Centros de Espiritualidade — Centros de Treinamento de líderes — Núcleos Diocesanos e criação de grupos intercongregacionais, na Arquidiocese, para encontros de reflexão e estudo, de convivência fraterna e de testemunho de oração comunitária.

Ordens e Congregações da Regional

Total de congregações: 129. Masculinas 38. Femininas 91. Sede de Governo Provincial ou Delegado Regional: Masculino 18. Feminino 35. Governo Geral 3. Número de religiosas do Paraná 3.697. Número de religiosos 1.223.

Seminários maiores

Rainha dos Apóstolos com 41 seminaristas assim distribuídos: Diocese de Curitiba 8; Toledo 12; Ponta Grossa 11; Paranavaí 3; Apucarana 2; Outras dioceses 5. **Paulinum** com 31 seminaristas: Tubarão 9; Florianópolis 8; Lages e Caçador 6; Rio do Sul e Joinville 6; Chapecó 2. Seminário dos **Basilianos** com 26, sendo da Ordem 21 e 5 da Eparquia Apostólica

SEMINÁRIOS E SEMINARISTAS DE CURITIBA

ORDEM OU CONGREGAÇÃO	Seminaristas		
	1970	1971	1972
Basilianos	22	25	26
Camilianos	3	3	—
Capuchinos	12	9	9
Carmelitas	9	7	9
Franciscanos Conventuais	8	15	18
Josefinos	10	12	13
Lazaristas	7	22	21
Palotinos	18	26	25
Passionistas	17	16	17
Redentoristas	5	12	16
Sagrados Corações	1	8	2
Saletinos	29	17	9
Verbo Divino	10	11	9
Xaverianos	8	4	10

Ucraniana. Palotinos com 25 seminaristas, sendo 24 da Sociedade de Apostolado Católico e 1 do Preciosíssimo Sangue. Salefinos com 9 seminaristas, sendo 7 do Instituto e 2 da Diocese de Piracicaba.

Através da exposição feita e pela comparação de todas as atividades da CRB Regional Sul II concluímos: A Animação e Promoção da Vida Religiosa, objetivo prioritário da CRB, está sendo bem aceita pela maioria dos Religiosos, os quais participam nos diversos cursos de Formação Teológico-Religiosa.

Constatamos que os Religiosos presentes na Regional cooperam no III Plano de Pastoral Orgânica cuja meta é: realizar a Igreja Particular. Destacamos as Linhas nas quais trabalham:

Linha — Unidade: ressaltando-se o bom entrosamento que existe entre os Dirigentes da CRB e CNBB.

Linha — Evangelização e Catequese

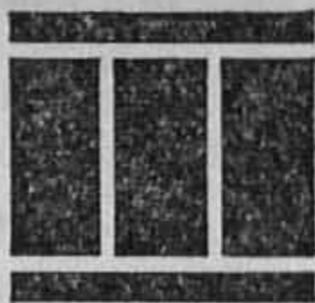
Nesta Linha é bem marcante a presença dos Religiosos em todas as Dioceses do Paraná.

Linha — Liturgia

Salientamos que os Religiosos participam de Cursos Regionais de Liturgia em todas as Dioceses. Participam ativamente na Coordenação.

Linha — Inserção no Mundo

Esta atividade é a que mais de perto se relaciona com os Religiosos que se inserem no meio dos homens. Nota-se grande inserção dos Religiosos em todos os movimentos leigos, como animadores centrais de VIVÊNCIA CRISTÃ.



ESTANTE DE LIVROS

BÍBLIA DO LAR E DAS ESCOLAS. Curso Completo, de Jacob Ecker. Tradução do alemão **Katholische Schulbibel**, por José Kloh Filho. Ano 1972. Páginas 485. Editora Vozes Ltda.

Um dos mais importantes fatores de renovação da Igreja que vivemos em nossos dias é o estudo mais aprofundado de todas as ciências relacionadas com a Sagrada Escritura. A catequese bíblica muito se beneficiou com as novas perspectivas dos estudos bíblicos sobretudo numa insistência marcante na História da Salvação. **Bíblia do Lar e das Escolas** é um precioso elemento para nossos catequistas brasileiros interessados em marcar a formação cristã de um cunho eminentemente bíblico.

Em sua atividade evangelizadora e catequética, a Igreja sempre volta às fontes. A fonte por excelência é o mistério de Jesus Cristo, sua vida, sua pessoa, sua figura e sua morte, sua ressurrei-

ção e ascensão. Vivemos agora a época de espera e de preparação para a nova vinda do Senhor.

Mas nesta nossa caminhada, nesta marcha decidida para o futuro, a Igreja ilumina nossos passos com uma luz vinda de Jesus, de sua figura e mensagem consignada para sempre nos escritos do Novo Testamento, realização e cumprimento do Antigo. Assim a Sagrada Escritura fica sendo luz privilegiada para o progresso da caminhada do homem.

É lá que encontramos a história das manifestações de Deus, da revelação de um amor atuante e eficaz no seio da vida dos homens. Contamos com uma revelação. Deus, sendo sempre insondável mistério, deixa-se ver, deixa-se tocar sobretudo em Jesus de Nazaré, imagem de Deus, sacramento do Pai, encarnação de Deus, humanização de Deus. Tocamos assim o invisível e ouvimos o inaudível.

Bíblia do Lar e das Escolas, tradução portuguesa da conhecida obra alemã **Katholische Schulbibel**, inteiramente remodelada, é um indispensável instrumento para uma tomada de conhecimento desse desígnio amoroso do Pai. O livro mostra a realização do plano de Deus através da história de Israel, na vida de Jesus e da primeira comunidade de cristãos. As histórias sagradas antigas não tinham a preocupação de mostrar a conexão entre os diferentes acontecimentos da história da salvação. Muitas destas histórias sagradas eram simples relato de fatos curiosos e pitorescos.

O presente trabalho chama a atenção para a unidade da revelação. Não quer contar uma série de historietas, mas contar a história da salvação. O trabalho que Vozes publica não se limita apenas ao ensino da Bíblia nas escolas, mas destina-se também ao lar, à família, quer para leitura individual ou comunitária.

A BIBLIA DAS ESCOLAS, de Jacob Ecker, cuja primeira edição veio a lume em 1907 como manual escolar, resultou de uma incumbência que, em 1903, a Conferência dos Bispos de Fulda deu ao autor. Revista e aumentada em 1917 e 1927, foi ela adotada por diversas dioceses alemãs e traduzida para dez idiomas. Por solicitação destas dioceses e com sua colaboração, a presente edição foi totalmente refundida por uma Comissão de Redação, em Tréviris. Os salmos foram extraídos do saltério alemão de Romano Guardini, com autorização do Instituto Litúrgico de Tréviris.

A Editora Vozes Ltda., ao traduzir a presente obra, intitulando-a **Bíblia do**

Lar e das Escolas, tomou a liberdade de adaptá-la à catequese atual, começando-a com os indícios da História da Salvação.

A EUCARISTIA, LIBERTAÇÃO DO HOMEM, de Mário Cuminetti. Tradução do original italiano **Eucaristia, Liberazione dell'uomo**, de Francisco S. Luza. Edições Paulinas. Ano 172. Páginas 90.

Para muitos a Missa constitui hoje um sério problema. Não se percebe mais seu valor existencial. A Missa deixou de ser o momento em que o homem encontra seu irmão, revigora sua fé no contato com a comunidade, recebe a Palavra de Deus. Não é mais o sinal de um povo que caminha em busca da libertação pela qual Cristo deu sua vida.

Refletir sobre a Eucaristia e sobre a Igreja que nela se revela, significa procurar reencontrar seu sentido e sua função, e, simultaneamente, redescobrir na liturgia o sinal daquilo que o Corpo de Cristo oferecido em alimento à humanidade significa e exige. Este livro quer apenas ser uma contribuição inicial para uma reflexão sobre a fé, dentro destas novas perspectivas, em vista do redescobrimto de valores que o tempo relegou ao esquecimento.

Sumário do livro:

Capítulo I: **A Tradição da Liturgia Hebraica**. a) O cristianismo, seita judaica. b) A ceia hebraica. c) A "berakah" judaica. d) O memorial. e) O culto como libertação, repouso, festa.

Capítulo II: **A Realização das Expectativas de Israel**. a) A história como soteriologia. b) Cristo, fim da história da

salvação. c) O novo povo de Deus. d) Cristo e as críticas dos profetas ao culto.

Capítulo III: **De Cristo à Igreja.** a) O novo templo de Deus. b) O corpo de Cristo. c) O corpo universal.

Capítulo IV: **A Plenitude da Pessoa e da Realidade.** a) A abertura ao ser a pessoa. b) A via para a perfeita compreensão da realidade. c) A fraternidade cristã. d) O dinamismo da ceia.

Capítulo V: **Da Escravidão ao Livre Serviço dos Homens.** a) A caminho da plena libertação. b) A fé como libertação. c) O espírito, mola propulsora do dinamismo da libertação.

Conclusão: **A Dessacralização como Possibilidade de Humanização.**

QUE DEVO FAZER? do Cardeal G. Garrone. Tradução do original francês **Que faut-il faire?**, de Ático Rubini. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 220.

Que Devo Fazer, do Cardeal Garrone, Prefeito da Sagrada Congregação para a Educação Católica, são reflexões sobre a moral cristã e suas antinomias. O propósito do autor não é deter-se pormenorizadamente nas prescrições, mas consolidar-lhes os fundamentos. Ora, a moral cristã não poderá jamais reconstruir-se com o auxílio da pura razão. Ela é paradoxal, até mesmo antinômica. É filha da fé ancorada na Escritura e na tradição e, acima de tudo, fundada no exemplo de Cristo.

E é, sem dúvida, por não ter reconhecido estas verdades, que a consciência cristã se deixa hoje facilmente

desorientar. O que se invoca para escapar a uma regra, é o que se tinha negligenciado; talvez, de deduzir e de afirmar na raiz dessa regra e que se volta contra ela. Redefinir estas regras para explicitar o laço entre crer e agir, tal é o escopo deste livro. Cabe ao cristão de boa vontade cooperar neste esforço da redescoberta onde encontrará segurança e serenidade.

Eis os títulos dos capítulos que inclui cada um, de dois a cinco reflexões:

1. Em que ponto estamos? 2. Moral cristã. 3. A lei cristã. 4. Pobreza. 5. Liberdade. 6. Vida cristã. 7. Aspectos da vida moral. 8. Ação. 9. Esperança.

VIDA RELIGIOSA, LITURGIA VIVA, de Paul Hinnebusch. Tradução do original inglês **Religious Life: A Living Liturgy**, dos Monges Beneditinos de Serra Clara. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 290.

Deste livro, boa parte constitui originariamente conferências a religiosas sobre o espírito litúrgico. O autor não se preocupa com minúcias de cerimônias litúrgicas, mas com as realidades espirituais mais profundas, significadas e efetivadas na liturgia. Visa a mostrar a complementação e o fruto da liturgia na vida cristã de todo o dia, especialmente na vida das religiosas, que devem ser ilustrações vivas daquelas verdades para todo o povo de Deus.

Todos os pensamentos apresentados no livro pertencem ao patrimônio comum do povo de Deus, a Igreja, isto é, foram colhidos de muitos pensadores contemporâneos e de inteligências do passado, pois a verdade de Deus

nos é comunicada na Igreja, no pensamento vivo de seus membros e na vida daqueles que vivem e experimentam essa verdade. Deus nos serve de intermediário da verdade divina. Não só a Bíblia, não só o magistério oficial e seus pronunciamentos autorizados, mas também a experiência da Igreja vivendo esta verdade em todas as épocas e a expressão desta experiência nos escritos, conferências, conversações do dia-a-dia dos seus membros.

Muitas vezes, esquecemos a fonte imediata de nossas idéias. Ouvimos ou lemos alguma penetração impressionante na verdade, dela nos apropriamos, usando-a em sermões e conferências, mas perdemos de vista a fonte onde primeiro encontramos a idéia. Assim,

“se algo do que está escrito é o eco do que outrem disse ou escreveu e se deixamos de reconhecer esta fonte, não é porque pretendemos ser plagiário. Na pressa de uma vida atarefada, deixamos de anotar as fontes. Esquecemo-nos então de quem recebemos esta revelação ou aquela expressão fluente.”

Mas o autor indica as fontes sempre que delas se recorda com clareza. Damos a seguir, apenas os títulos das três grandes partes da obra:

I — Natureza Litúrgica da Igreja e das Religiosas.

II — Ofertório: A Igreja que Ora e Sacrifica.

III — Dispondo a Humanidade para a Obra Sacerdotal de Cristo.

TECNOBUROCRACIA E CONTESTAÇÃO, de L. C. Bresser Pereira. Editora Vozes. Ano 1972. Páginas 306. Terceiro livro da Coleção **Contracultura**.

Este livro compõe-se de três partes, que se completam, na tentativa de apresentar uma visão geral das transformações políticas e ideológicas por que vem passando a sociedade industrial da segunda metade do século XX.

Depois da análise geral da sociedade e da economia brasileira entre 1930 e 1970, que realizou em **Desenvolvimento e Crise no Brasil**,

Bresser Pereira surge agora com uma análise ainda mais ambiciosa e abrangente

em **Tecnoburocracia e Contestação**. O tema

não mais se limita ao Brasil. O autor está

interessado em algumas das transformações

mais significativas por que vem passando

a estrutura do poder nas sociedades industriais

modernas. Na primeira parte do livro

o autor faz a análise da emergência

da tecnoburocracia. Ao invés do socialismo,

é o sistema tecnoburocrático que vai aos poucos

substituindo o sistema capitalista. A técnica transforma-se no principal elemento configurador das sociedades industriais modernas e regimes tecnoburocráticos surgem através de revoluções comunistas, de revoluções militares nos países subdesenvolvidos e da revolução dos gerentes nos países desenvolvidos. Esta primeira parte termina com uma análise e uma crítica às vezes amarga da ideologia tecnoburocrática e do processo de alienação ao qual o homem está sendo submetido nas sociedades tecnoburocráticas. No último capítulo da primeira parte o autor examina o surgimento de uma contestação radical, de uma contracultura, que pretende negar a cultura racionalista e eficientista vigente. Este capítulo constitui também uma introdução à segunda parte do livro, onde é realizada uma ampla análise das características e das causas históricas da mais importante das manifestações de contestação no nosso tempo: a revolução estudantil. Finalmente, a terceira parte é uma análise da revolução política da Igreja Católica. Vemos nesta parte do livro como a Igreja vai deixando de fazer parte ou de se constituir em ponto de apoio à ordem estabelecida, para ir se transformando também em um elemento de crítica e contestação a essa mesma ordem.

O CORPO E A EXISTÊNCIA, de Francisco A. Dória, Editora Vozes. Ano 1972. Páginas 175.

Escrito por um dos autores do "Dicionário Crítico de Comunicação" e com prefácio de outro dos autores, este livro torna rigorosas certas exposições nas quais Francisco Antônio Dória se baseou para tentar formular uma análise existencial da comunicação em sociedade. Mas como pode ser visto à leitura do livro, este ponto obrigatório de partida desapareceu no meio das

questões muito mais prementes que surgiram logo no primeiro movimento da tentativa de elucidação.

Por exemplo, Dória considera longamente a questão do **objeto**. O objeto possui uma grande dominância em nosso cotidiano. O consumo em massa é um consumo de objetos (no sentido que Dória aprofunda) e jamais um consumo

de coisas que se destinam apenas a facilitar uma ou outra atividade. Na linguagem mais corrente diz-se que o objeto é um **símbolo de status**: o carro último tipo, a televisão modelo de luxo.

A análise que Dória desenvolve ultrapassa, no entanto, a simples categoria empírica de objeto e vê por trás do objeto o fenômeno existencial maior que

é o **desejo**.

O livro é uma moeda, onde duas faces — a estrutura filosófica caminhando para um clímax e uma síntese (com certeza!) emocionantes no último capítulo, e os motivos míticos sendo elaborados e reelaborados numa sucessão de grandes círculos — constituem uma para a outra o apoio que lhes permite existir.

A IGREJA NA CRISE ATUAL, de Henri de Lubac. Tradução do original francês *L'Église dans la crise actuelle*, de Adailton Gomes Ferreira. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 80.

— Quando a gravidade da hora o exige, não será necessário, talvez, que o teólogo saiba suspender, por instantes, suas indagações históricas, seu trabalho e suas pesquisas pessoais para as quais, de resto, teria sempre o tempo de atribuir uma importância excessiva para recordar-se de que toda a sua existência de teólogo e toda a autoridade, que esta profissão pode dar-lhe, se baseiam no encargo, que ele recebeu da Igreja, em vista da defesa e da ilustração da fé?

Índice do livro:

1. A crise atual e a destruição.
2. Duplo aspecto da contestação.
3. Inteligência e opressão.
4. Renovação e Concílio.
5. O Espírito de Cristo não abandonará a Igreja.
6. Em meio à crise: o amor de Jesus Cristo.
7. Amor e preocupação pela unidade.
8. Igreja universal. Igrejas particulares.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

QUE TUA PÁSCOA PERMANEÇA PARA SEMPRE, Irmão Rogério Schutz, Prior de Taizé, Edições Paulinas. Ano 1972, páginas 108. **NOVENA PARA O NATAL**,

J. Eduardo Augusti e J. Cândido Coimbra. Editora Vozes, Ano 1972. Páginas 110. **EQUAÇÕES DIFERENCIAIS APLICADAS A FÍSICA**, José de Jesus Da Serra Costa, Editora Vozes, Ano 1972. Páginas 130. **ARQUIDIOCESE EM NOTÍCIAS**. Coordenação Arquidiocesana de Pastoral, Belo Horizonte, outubro 1972. **CRB, Traço de União**, Boletim da Regional de Salvador-BA. Outubro/novembro de 1972. **VIDA RELIGIOSA**, boletim informativo de orientação para Institutos Religiosos, Espanha, Padres do Coração de Maria. Destacamos: * Sabemos dialogar? **José Maria Guerrero, SJ.** * Revisão comunitária e correção fraterna, **Norberto Sagastagoitia, FSC.** * Vida consagrada e oração, **Severino Maria Alonso, CMF.** * Teologia e pastoral vocacional, **Alberto Barrios Moneo, CMF.**

CONVIVIAM, revista de investigação e cultura, julho/agosto 1972. **CADERNOS DO CEAS**, Centro de Estudos E Ação Social, N.º 20, agosto 1972. Número sobre Experiências Nordestinas. **REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS**, n.º 124. Outubro/dezembro 1971. Neste número: 1. Objetivos qualitativos do plano educacional, Raymond Poignant. 2. Educação: suas fases e seus problemas, Anísio Teixeira. 3. Educação de laboratório: uma perspectiva inovadora, Fela Moscovici. 4. Condições emocionais para o exercício do magistério, Maria Helena Novais. 5. Conveniência e validade da seleção psicológica de candidatos ao magistério, Paulo Rosas. **CONSACRAZIONE E SERVIZIO**, outubro 1972. Revista do Centro de Estudos da União das Superiores Maiores da Itália. **RENOVAÇÃO**, outubro 1972. Boletim Informativo da Regional Sul 3 da CNBB e da CRB. **O ALEMÃO SEM ESFORÇO**, Assimil. Editora Herder, São Paulo. Ano 1972. Páginas 400. Em cuidadosa encadernação. **OS JOVENS ESTÃO REZANDO**. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 128. **CELEBRAÇÕES** da Palavra de Deus para o Advento e Natal. Editora Vozes. **CELEBRAÇÕES** da Palavra de Deus para a Primeira Eucaristia e Renovação das Promessas do Batismo. Editora Vozes. **SEI QUE ME ESPERAVAS**, Aos Namorados, de Frei Hugo D. Baggio, OFM. Editora Vozes, 1972. Páginas 64. **VIDA EN FRATERNIDAD**, revista da Conferência dos Religiosos da Argentina. Outubro 1972: Todo este número é dedicado à Vida Religiosa e à Política.

PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS, Uma Visão Humanística, de Peter L. Berger. Tradução do original inglês **Invitation to Sociology, a Humanistic Perspective** por Donaldson M. Garschagen. Editora Vozes. Ano 1972. Páginas 204.

Peter L. Berger é professor de Sociologia na Faculdade da **New School for Social Research** e editor da revista **Social Research**, da mesma Faculdade. Possui diversos livros publicados, sen-

do os mais conhecidos: **Invitation to Sociology** (Perspectivas Sociológicas) e **A Rumor of Angels**.

Neste livro o autor se dirige tanto aos leigos em Sociologia, mas que desejam inteirar-se do que seja a Sociologia, quanto aos estudantes e sociólogos, que se preocupam em conhecer as dimensões e implicações sempre mais amplas de sua matéria. Considera a Sociologia dentro da tradição humanística

e diz que é uma forma particularmente moderna e atual do pensamento crítico.

Sem menosprezo pela importância dos aspectos científicos da Sociologia, frisa especialmente sua afinidade essencial com a História e a Filosofia e mostra como, nesta perspectiva, a Sociologia contribui para um melhor conhecimento do mundo humano. "Ao contrário dos bonecos", diz ele, "temos a faculdade de parar nossos movimentos, olhar para o alto e perceber a engrenagem que nos movia. Neste ato está o primeiro passo para a liberdade."

Berger aborda este e outros assuntos trazendo sempre a contribuição de outros grandes sociólogos como Weber, Pareto, Durkheim, Veblen, Cooley e Mead.

PARA LER OS QUADRINHOS, de Moacy Cirne. Editora Vozes. Ano. 1972. Páginas 100.

Da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada. O impacto criativo das histórias em quadrinhos continua despertando o interesse geral dos estudiosos e comunicadores. Aberto à in-

vestigação crítica e ao imaginário poético, o seu mundo está sempre revelando novas surpresas formais e novas configurações tematizantes.

Desta feita, Moacy Cirne, autor do primeiro livro sobre o assunto editado no Brasil, focaliza uma das mais profundas relações estruturais da arte contemporânea, a partir da problemática da leitura, instaurando a narrativa como polo centralizador de duas linguagens distintas: a relação cinema/quadrinhos.

Detendo-se nos mais variados aspectos (a imagem, a tela, a página da revista, o primeiro plano, os cortes elípticos, a decupagem, os blocos significacionais etc.), Moacy Cirne estuda a narrativa em Crepax, Quino, Foster, Barbe, Steranko, Ziraldo, Maurício de Sousa, Hergé e outros, voltando-se ainda para **O Processo** de Kafka em quadrinhos (por Bunker & Chies), sempre apoiado na semiologia e numa leitura criativa oriunda da vanguarda.

Moacy Cirne é um dos fundadores do poema/processo, sendo também professor de Introdução às Técnicas de Comunicação no IACS/UFF e secretário da Revista de Cultura Vozes.

EDIÇÕES PAULINAS

Coleção ORAÇÃO E AÇÃO

1. Os Olhos Iluminados do Coração, A. M. Carré
2. Com Cristo Jesus, René Voillaume
3. Considerações Intempestivas sobre a Oração
A. M. Besnard
4. Como Uma Rede, D. José Lafayette Álvares
5. Diálogos do Espírito, João Albanese

Os últimos cinco de uma coleção de catorze já publicados.

a dimensão antropológica da esperança cristã

**A
Ressurreição
de
Cristo
A
nossa
Ressurreição
na
Morte**

autor:

LEONARDO BOFF

Editora Vozes Ltda. — Petrópolis, RJ